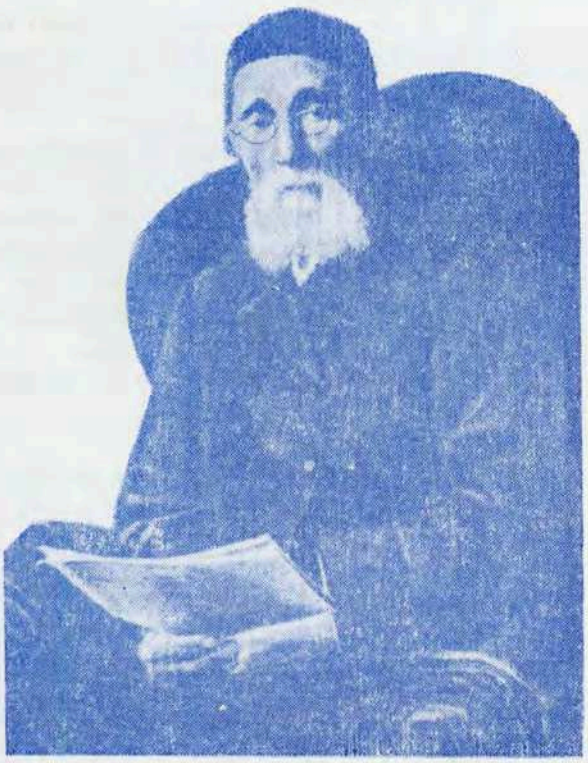
Blumenau em Cadernos

TOMO XXXVII Outubro de 1996 Nº. 10

EFEMÉRIDE HISTÓRICA DO MÊS

Morre aos 79 anos de idade, a 30 de outubro de 1899, na cidade de Braunschweig, sua terra natal, na Alemanha, o fundador da cidade de Blumenau - Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau.



IMPRESSO

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A **FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU**, EDITORA DESTA REVISTA, TORNA PÚBLICO O AGRADECIMENTO AOS AQUI RELACIONADOS PELA CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA QUE GARANTIRÃO AS EDIÇÕES MENSAIS DURANTE O CORRENTE ANO:

— AIGA BARRETO M. HERING
— ALFREDO LUIZ BAUMGARTEN
— ALTAMIRO JAIME BUERGER
— ANTÔNIO ROBERTO NASCIMENTO
— ARIANO BUERGER E FAMÍLIA
— ARMANDO LUIZ MEDEIROS
— ARTHUR FOUQUET
— AUTO MECÂNICA ALFREDO BREITKOPF S/A.
— BENJAMIN MARGARIDA E FAMÍLIA
— BUSCHLE & LEPPER S/A
— CASA FLAMINGO LTDA.
— CLICHERIA BLUMENAU LTDA.
— COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER
— COOPERATIVA DE CONSUMO DOS EMPREGADOS DO GRUPO HERING — COOPERHERING
— CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
— CURT FIEDLER
— D. G. S. — FACTURING FOMENTO COMERCIAL LTDA.
— DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
— GENÉSIO DESCHAMPS
— GRÁFICA 43 S/A IND. E COM.
— ENGEPROM ENGENHARIA, PROJETOS E MONTAGENS LTDA.
— HERING TÊXTIL
— HERWIG SHIMIZU ARQUITETOS ASSOCIADOS
— HOH, — MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS S/A.
— JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
— LINDNER ARQUITETURA E GERENCIAMENTO S/C LTDA.
— MADEIREIRA ODEBRECHT LTDA.
— M. J. T. REPRESENTAÇÕES E SERVIÇOS LTDA.
— NELSON VIEIRA PAMPLONA
— NIELS DEEKE
— PADRE ANTÔNIO FRANCISCO BOHN
— PAUL FRITZ KUEHNRICH (in memória)
— PICKLER CONSTRUÇÕES LTDA.
— POSTO HASS LTDA.
— RESTAURANTE A NAPOLITANA — RODÍZIO DE MASSAS
— SCHRADER S/A. COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES
— SILVIO PAULO ARALDI, ADVOGADO E FAMÍLIA
— TEKA — TECELAGEM KUEHNRICH S/A.
— TRANSFORMADORES MEGA LTDA.
— UNIMED — BLUMENAU
— VICTORIA E WILLY SIEVERT
— WALTER SCHMIDT COM. E IND. ELETROMECÂNICA LTDA.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXVII | Outubro de 1996 | Nº. 10

SUMÁRIO Página

Verbetes para Dicionário de História (11) — Theobaldo Costa Jamundá 290
Figura do passado — Armando Luiz Medeiros 292
Confissões da infância — Knut Evaldo Koster Mueller 294
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio 296
Curiosidades de uma Época - XLVI — S.C. Wahle 298
Reminiscências de Ascurra — Atílio Zonta 299
Crônica de uma menina blumenauense — Edith Sophia Eimer 301
Evolução histórica do Município de José Boiteux/SC — Nilson Cesar Fraga 302
Registros de Tombo de Brusque (IX) — Pe. Antônio Francisco Bohn 307
Jornais do meu tempo (3) — Gervásio Tessaleno Luz 310
Brusque foi uma colônia de ingleses? — Aloisius Carlos Lauth 311
Aconteceu... Setembro de 1996 315
Memórias de uma imigrante — Tradução de Valburga Huber 316
Aconteceu... há 50 anos passados 319
Cartas — Alfred Zinkhahn 320

BLUMENAU EM CADERNOS
Fundado por José Ferreira da Silva
Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU
Editor responsável: José Gonçalves — Reg nº. 19
Assinatura por Tomo (12 nºs.) R$ 20,00
Número avulso R$ 5,00
Assinatura para o exterior (porte via aérea) R$ 40,00
Rua 15 de Novembro, 161 — Caixa Postal 425 — Fone 326-6787
89010-001 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

VERBETES PARA DICIONÁRIO DE HISTÓRIA (11)

THEOBALDO COSTA JAMUNDÁ

1. OS IRMÃOS HERING

A Câmara de Vereadores de Blumenau, na significância maior de ser o Poder Legislativo, homenageou, no dia 13.09.1996 solenemente, HERMANN HERING (1835-1915) e BRUNO HERING (1842-1918). — Ambos imigrados alemães, que em Blumenau revelaram capacidade de trabalho, força de vontade, sensibilidade praticada na meta para o progresso. **E que faz tempo estão na História da Indústria Brasileira, capítulo referente a Indústria Têxtil catarinense.**

Hermann e Bruno eram irmãos com a diferença de sete anos. Os dois trouxeram a herança familiar da fabricação de têxteis. E fizeram a firma "GEBRUEDER HERING". O idealismo forte e o engenho de querer com os quais viveram, compuseram virtude de dignidade com repercussão: (1) Na Pátria onde a família é enraizada; (2) Na Pátria em que a família por transmigração radicou-se. — Feliz o país-Brasil que os acolheu: eles viveram o verde da esperança, cor dos próprios olhos. E integraram-se no progresso catarinense com o perfil de gente modelar constante em página da Indústria plantada e crescida nos abeiramentos do rio Itajaí-açu.

Daí a homenagem oficial provocar insinuações considerativas como sejam: (1) Exaltar que os IRMÃOS HERING servem de modelo; (2) Saiu do espaço oficial da Câmara de Vereadores a repercussão assim como fazendo lembrar, que os homenageados estão imortalizados pelo que fizeram; (3) E que indiretamente, ali, naquele dia, naquela hora, todo imigrado radicado na terra-Blumenau, também foi referenciado e exaltado.

2. BLUMENAU SEM CASA BANCÁRIA

A estrutura de serviços comunitários de uma casa bancária chegou para Blumenau a 16 de novembro de 1907. — Chamou-se **"Caixa Agrícola Cooperativa de responsabilidade limitada dos agricultores do município de Blumenau"**. O nome oficial sem sofrer prejuízo, foi resumido na facilidade que o povo gosta: "CAIXA AGRÍCOLA".

Compuseram a primeira diretoria e conselho fiscal, gente de responsabilidade e notoriamente conceituada: Alwin Schrader, Carl Meyer, Eugen Fouquet, Heinrich Muehe, João Hennings Sênior, Otto Sprengel, Wilhelm Weise e Bruno Hering. (Note-se para avaliação do grupo responsável que Bruno Hering estava com 65 anos).

A instituição visou operar com as economias dos que guardavam o vintém poupado ou o tostão guardado, nos lenços debaixo do colchão ou em pé de meia sob o travesseiro. Foi iniciativa para solucionar e fomentar o progresso, e atendeu a necessidade do desenvolvimento da propriedade rural familiar, da agroindústria, do comércio, oficinas, escritórios e outras entidades relacionadas na classe produtora.

A crônica da CAIXA AGRÍCOLA informa sobre um tempo que na comunidade blumenauense existia intelectual idealista quanto ao bem estar coletivo. Veja-se na paisagem humana do princípio do século, entre alguns talentos, por exemplo: (1) Três doutores, Blumenau, Emil Odebrecht e o sábio Fritz Müller; um trio envolvido no processamento do progresso e outro trio composto por Eugen Fouquet, jornalista doutrinador

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

da germanidade superior e forte; G. Arthur Koehler, jornalista incabrestável e líder rural ativo; Hermann Faulhaber, religioso de confissão luterana e educador.

Os três jamais vestiram a mesma camisa ideológica: um não comia pela mão do outro; também não se juntaram para comer a mesma sardinha. Entretanto, estão na história do progresso, fazendo trio honesto nos interesses da família blumenauense. O Sindicato Agrícola de Blumenau, interessado na existência e funcionamento da CAIXA AGRÍCOLA colheu os aplausos que individualmente deram: (1) os que tomavam à prática do Sindicalismo sendo meio ideológico para a organização da produção e indiretamente disciplinar os lucros; (2) Os que sendo líderes optaram pela preservação do progresso comunitário democratizado. Entre os tantos salientaram-se os três líderes mencionados por último. Os dois jornalistas usaram as potencialidades do jornal "DER URWALDSBOTE"; e o pastor luterano trabalhando com a família e a ministração da instrução escolarizada.

Quando a CAIXA AGRÍCOLA chegou já estava fazendo falta. Pois a economia gerada pela propriedade familiar dependia do funcionamento de instituição assemelhada. Sem tê-la a classe produtora consumira 57 anos sem uma agência bancária. É neste raciocínio que se enxerga a paisagem humana de Blumenau com fase diferenciadora: do aparecimento da CAIXA AGRÍCOLA até o início da 1ª. Guerra Mundial (1914-1918).

E também é possível fazer comparação elucidativa entre o grupo do imigrado procedente da Itália e dos Alpes montanhosos no norte italiano. Como se sabe estes últimos revelaram-se criaturas de expansividade natural, inquietos e muito interessados em ocupar o espaço brasileiro na direção do sucesso.

Dir-se-ia que superaram a nostalgia com o duro trabalho de plantar para comer, e que não perderam tempo recordando o que deixaram onde nasceram. Chegados em 1875 ou pouco mais para frente foram assentados nos abeiramentos do rio dos Cedros e assumiram construir, construir, construir.

E vem dessa vontade de vencer adversidades e desconfortos os alcances mal conhecidos, mal estudados e mal divulgados. E entretanto pertenceram a eles o pioneirismo da pesquisa agronômica, a utilização do cooperativismo em projeto de exportação de fumo, a aplicação da agricultura do arroz irrigado.

Ali, na área territorial que em 1924 fazia o 6º. Distrito do município de Blumenau, chamado ENCRUZILHADA, eles influenciados pelo agrônomo Giovanni Rossi (anarquista militante) associaram ideologicamente, às teorias do Anarquismo e do Cooperativismo. E como se pode imaginar tiveram a oposição pastoral dos frades franciscanos. Oposição forte e direta. **Disse-me o frei Solano Schmidt (sob apresentação ao meu favor do frei Luciano Wagner (Vigário de Indaial) que o relacionamento do agrônomo anarquista com os frades de Encruzilhada, foi natural**. A divergência existiu quando os frades eram atuantes no próprio ofício e o anarquista bitolado na ideologia.

Nenhum cantão rural blumenauense, da época, ativado pela presença do italiano e tirolês, foi assemelhado àquele que no início, foi 'Pomerano-Santo Antônio", e adjacências com outros nomes. Ali, na militância católica única e forte da maioria, funcionou minoria de contar nos dedos, que nem se pode dizer, tenha sido cédula anarquista, de certo, grupinho de informados sobre a parola política de Carlos Cafiero e Malatesta, e se toma conta, que tal porção, fomentou insatisfações visando provocar mudanças culturais democráticas e para bem estar.

Nenhuma novidade que uma criatura fugada de quaisquer das Europas:

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

emigrante lá e imigrante aqui, fosse conhecedora ou praticante dos movimentos libertários e reformadores. Abre interesse de conhecimentos é, ter sido no território de Blumenau nos áres do rio dos Cedros. E só neste espaço geográfico. Daí relacionar que o agrônomo italiano Giovanni Rossi, por ali na incumbência oficial da prestação de assistência técnica, sendo anarquista de corpo e alma, funcionou como reativador e aglutinador dos que eram predispostos. — **Até hoje não é conhecido o que decidiu localizar a Estação Agronômica nas paragens do rio dos Cedros e dar a sua chefia ao agrônomo Rossi**...

E no não saber provoca pergunta intrigante, exatamente, porque ele tinha vivido na Colônia Cecília, modelo de fracasso da aplicação do anarquismo, no território do Paraná (1891).

Entre os satíltes do agrônomo anarquista ficaram anotados os varões das famílias Campestrini, Dorogatti, Largura e Trentini. E quem deles desfrutou destaque político aplicado a preservação da italianidade e esta ajustada ao abrasileiramento foi EMEMBERGO PELIZZETTI, que diz J.E. Finardi foi o motivador e fundador da "Sociedade Cooperativa de Ascurra" (maio de 1905). — Portanto antes da fundação da CAIXA AGRÍCOLA. Também foi ele Emembergo a pessoa de mais estreita convivência com o agrônomo Rossi. E sabe-se também por que o amor filial de sua filha possibilitou, que Emembergo Pelizzetti participou na "Liga Operária Italiana" do Rio de Janeiro, RJ. E nela foi ativador do cooperativismo e do sindicalismo.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO:

"O ESTADO" (Florianópolis, SC, 16.09.96); "Os 75 Anos da Indústria Têxtil Cia. Hering, in "Revista Paulista de Indústria, nº. 34, separata; JOSÉ FERREIRA DA SILVA, A Imprensa em Blumenau (Coleção Cultura Catarinense) Fpolis. SC, 1977; ALBUM HISTÓRICO CENTENÁRIO DE JOINVILLE 1851 — 9 de março — 1951, Sociedade Amigos de Joinville, Curitiba, PR; BEATRIZ PELIZZETTI, Pioneirismo Italiano no Brasil meridional, Curitiba, PR, 1981; ROMARIO MARTINS, História do Paraná, 2ª. edição, São Paulo, SP, J.E. FINARDI, Colonização Italiana de Ascurra, 1876-1976, Blumenau, SC, 1976.

FIGURA DO PASSADO

MEU TIPO INESQUECÍVEL

CID DE SOUZA MEDEIROS

O Reader's Digest que me perdoe pelo plágio do título, mas é o que melhor se encaixa em meu personagem de hoje.

Uma pessoa pode deixar lembranças de várias formas. Há aqueles que distribuem o mal, mas que, felizmente, são sempre uma minoria, da qual não quero falar. Há aqueles, ainda mais raros, que quando se vão deixam o mundo um pouco melhor e mais feliz do que antes. Finalmente há aqueles que, sem poder nem querer mudar o mundo à sua volta, simplesmente vivem suas vidas, procurando dela aproveitar seus prazeres, por menores que sejam, distribuindo alegria sem dar nenhuma atenção à riqueza material. Deste último tipo era meu

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

tio Cidinho. Um tipo inesquecível.

Nascido em Laguna em 1895, ainda recém-nascido mudou-se com a família para Itu, São Paulo, onde o pai havia buscado abrigo da repressão aos revolucionários de dois anos antes. Já de volta a Santa Catarina, aos quatorze anos de idade, bem posicionado em seus estudos ginasiais, criança forte e robusta, foi vitimado por uma traiçoeira e cruel meningite. O desenvolvimento posterior de seu intelecto foi substituído pelo de um enorme coração.

Aos dezesseis anos "caiu na estrada e acabou embarcado como marinheiro de um navio mercante; a família, dele apenas ouviu falar depois de vários anos de ansiosa espera, ao receber carta com uma fotografia, onde o filho distante aparecia montado a cavalo, em farda da Força Pública de São Paulo. Voltando para Florianópolis, casou-se com Édula de Athayde, da família do famoso imortal, futuro presidente de nossa Academia, de mesmo sobrenome. O casal teve sete filhos. Cid, sempre irrequieto, veio dar em Blumenau, onde já se haviam estabelecido seus pais e a maioria de seus irmãos, trabalhando vários anos na Farmácia Central, do pai.

Os parágrafos acima formariam um resumo de sua biografia oficial, próprio para um necrológio. Sua vida real teve, no entanto, um perfil muito mais variado e interessante. Vou tentar contar algumas de suas inúmeras histórias.

Na farmácia, ajudava em tudo, da lavação de vidros à compra e entrega de remédios, mas era de inestimável auxílio na manipulação de pomadas, atividade que exigia sua grande força muscular para a produção de uma mistura homogênea, nos imensos grais de cerâmica então usados. Não deixava nunca passar a oportunidade de fazer uma brincadeira, como a que fazia com quantidades enormes de arsênico que fazia parecer engolir, para susto de quem o visse...

Adorava atear fogo em qualquer coisa.. Certa ocasião ficou tentado ao ver a imensa quantidade de serragem depositada no barranco da Rua Getúlio Vargas, onde morávamos, pela fábrica de móveis Rossmark, e não resistiu. Foram quinze dias de fumaça que a nada cedia, nem mesmo à chuva...

Apreciava a boa comida simples, sempre condimentada com quentíssimas quantidades de pimenta. Fazia demonstrações, comendo malaguetas curtidas, servidas em colher...

Agüentava grandes quantidades de bebida, mas às vezes ultrapassava um pouco seus próprios limites, tal como aconteceu quando passou a noite no velório de um vizinho. No dia seguinte, no cemitério, fez questão de proferir um discurso de despedida no qual emocionou-se ao ponto de, trocando as pernas, cair dentro da cova onde já havia sido depositado o caixão...

Era homem religioso e ia à missa todos os domingos, mas a freqüência à igreja não impedia seu gosto pelo cinema erótico de então, aquele dos filmes franceses "impróprios até dezoito anos"...

Era, antes de tudo, simples e sincero. Com a mesma naturali-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

dade com que comentava sua interpretação do sermão da última missa de domingo, contava anedotas em horas que para outros podiam parecer muito inconvenientes, pelo menos para a moral de então, como quando, num almoço de família em casa de meu rígido avô João, contou a história da galinha que exclamou, depois de atropelada por um caminhão: "— Puxa! Que galo grande!" Meu avô, visivelmente embaraçado com a situação criada, simplesmente disse: "— Adélia, passe o arroz"!, como se nada de mais tivesse acontecido...

Poucas vezes encontrei Tio Cidinho depois de minha mudança para o Rio de Janeiro. A última foi em dezembro de 1966, quando ele estava passando alguns dias em casa de meus pais, no Garcia, como fazia de tempos em tempos, talvez sempre que se indispunha com a família.

Havia passado, como de costume, dias de frenética atividade de faxina nos porões e nos cantos pouco usados da casa. Avizinhava-se o casamento de meu irmão João Alfredo, e Tio Cidinho foi insistentemente convidado para a cerimônia. Como desculpa para não ir, dizia que suas roupas boas estavam em casa e, além do mais, não tinha sapatos em condições. Um par de sapatos foi conseguido em empréstimo, e ele foi, feliz, buscar seu terno de festa. Não voltou, e nunca mais o vi.

Alguns anos mais tarde soube de seu falecimento. Sua morte foi tão pura e ingênua quanto sua vida. Numa quinta-feira de julho de 1974, meus pais fizeram-lhe a última visita, quando já se encontrava em seu leito de morte no hospital, mantido apenas por instrumentos. Com um esforço supremo balbuciou com visível alegria:

— Luizinho, tira estes tubos! Não preciso mais disto, porque no sábado, Nossa Senhora vem me buscar!

Atendendo a seu pedido, os tubos foram desligados. Ele ainda resistiu pelos dois dias seguintes. Morreu no sábado, dia 27 do mês, tal como havia anunciado.

Quem o conheceu tem certeza que ele continua bem vivo, pelo menos na lembrança.

Armando Luiz Medeiros

Confissões da infância

Knut Evaldo Koster Mueller

PERIQUITOS...

Morávamos numa casa na Alameda Rio Branco, que antes tinha o número 28, depois foi mudado para 286; hoje é conhecida como o "Pontinho". Nosso vizinho era o Senhor Frilman, e diga-se como válido: um bom vizinho. Tinham dois filhos, o Hans e o Walter, ambos de hierarquia etária abaixo da minha, por pouco, mas válida e respeitada naquela época da infância subalterna. O relacionamento era restrito aos festejos dos aniversários toleradamente supervisionados pelas respectivas mamães. Nossos dois territórios ,em nossa linguagem, na dos adultos eram terrenos, separavam-se por uma cerca

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

de tela de arame, presa por moirões de cimento, e vegetada por uma sebe de hibiscus, aparada na altura de uma pessoa de estatura normal. Logo em seguida ao fundo das duas casas, haviam gramados de ambos os territórios, encimados por postes com os varais para estender a roupa para secar. Do nosso lado não se via o gramado do vizinho e viceversa. A sebe formava um muro vegetal opaco, salvo algumas silhuetas ocasionais ressaltantes. Olhando do nosso lado, por cima do horizonte da sebe, destacavam-se os galhos magestosos de uma alta e vigorosa pereira. Nada mais, nem a posteação do varal de roupas. Porém nós sabíamos, por reconhecimento avançado, espiando por entre os galhos da sebe, que lá estava, entre a horta, à esquerda, e a pereira à direita, um viveiro habitado por uma dúzia de periquitos belgas. Eram aves bem alimentadas, portanto caladas, salvo algum disturbio próximo, nada se ouvia deles. Era um cilindro de tela de arame, sobre um pedestal, encimado por um cone de zinco, tudo pintado de verde. Pouco nos interessavam aquelas aves. O Senhor Frilman as inspecionava todos os domingos.

Nas tardes ensolaradas deitávamos de costas no gramado e, olhando pela linha da sebe, víamos a pereira. Qual seria a posição relativa da horta e do viveiro dos periquitos? Havia uma solução prática. Tinhamos fundas e pedras. Pedras redondas, catadas criteriosamente à beira do ribeirão Garcia. Munição de primeira. Deitados de costas, atiravamos as pedras para o alto, numa parábola, estimando como alvo o cone de zinco verde, invisível, atrás da sebe de hibiscus. Um de cada vez, da melhor pontaria possível. Quando uma pedra alcançava o telhado do viveiro provocava um alarido dos piriquitos, anunciando tiro no alvo. Pode-se imaginar que não era fácil, o alvo tinha somente um metro ou pouco mais de diâmetro. O exercício de tiro não chamava muito a atenção, silêncio do nosso lado, ocasionalmente uma gritaria dos periquitos. Rendeu por muitos meses. Mas descuidamos dos vestígios.

Um dia minha mãe nos chamou e disse, de uma maneira muito calma, que o Senhor Frilman a havia chamado por cima da sebe, próximo ao pé de uvaia, onde havia uma clareira para conversações de vizinhos, e que tinha apresentado queixa do nosso procedimento em atirar com funda em seus periquitos. Como prova do que afirmava trazia um cesto cheio de pedras redondas, catadas por ele mesmo, entorno do seu viveiro de aves. Enfaticamente havia derramado todo o conteúdo de cesto por cima da sebe, mostrando a prova do crime. Ela nos levou até o local e mostrou um monte de pedras caidas do nosso lado. Ela nos pediu para deixarmos os periquitos em paz. Nós concordamos e recolhemos nossa preciosa munição. Iriamos certamente gastá-la em alvos inanimados, quanto muito em algum cachorro ou galinha perdidos, sem feri-los. Vale o exercício de tiro em alvo oculto, como eu iria,muitos anos depois praticar no curso de artilharia no CPOR-RJ, no emprego do material 105mm de campanha.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

CRÔNICA ALEGRE DA ILHA

Foi uma agradável surpresa a leitura de «Oh! Que delícia de Ilha», de autoria de Raul Caldas Filho, publicada pela Paralelo 27 e co-editoras (Florianópolis — 1995), reunindo crônicas e quadros da vida florianopolitana, traçados por um nativo de outra ilha — São Francisco do Sul — mas ambientado como poucos e desde a infância na de Santa Catarina. Num estilo leve e solto, repleto de observações interessantes e, acima de tudo, de humor, ele captou com perfeição e recolheu ao livro o «clima» ilhéu, tão marcado de características inconfundíveis.

Começando pelo perfil do ilhéu e a definição do que seja o «manezinho» (que pode ser urbano ou do interior da Ilha), com seu temperamento alegre e gozador, sempre pronto para tiradas espirituosas, descreve a vida da cidade ao longo dos anos, numa espécie de história em que os aspectos mais galhofeiros são destacados, sempre ilustrados com saborosos casos, como a arte de dar apelidos, o anedotário, os relatos, os «figuraços» que já partiram e os de hoje, alguns deles conhecidos de várias gerações, a presença das bruxas que lá encontram ambiente propício, os pontos de encontro (não faltando o Ponto Chic, o Senadinho e o antigo Chiquinho), sem esquecer a herança açoriana, tão importante na formação do povo. Também são repassados episódios pitorescos, como a «Batalha do Senadinho», quando o ex-presidente Figueiredo entrou em conflito com a multidão e o ex-ministro Cals teria levado algumas «bolachas» nas respeitáveis orelhas. Tudo bem ilustrado com os causos, as anedotas, lendas, comentários e fofocas em que é pródiga a criatividade do ilhéu, ligado sempre nos detalhes de tudo para disparar uma definição definitiva e perfeita, logo difundida e incorporada ao «patrimônio coletivo.»

Notei algumas ausências notórias, como «Monsieur» Adolfo, um quase-mendigo com mania de potentado, e o Beteclive, ébrio contumaz que andava derrubando as calças, ambos assíduos do centro. E também o «Príncipe», — o bar que embebeda hoje o homem de amanhã, — cujo lema copiava uma loja do Rio que tinha o mesmo nome e que se especializava em roupas para meninos. O dono do bar se enfurecia ao ouvir isso.

Essas observações não afetam, de forma alguma, o livro, que é uma excelente crônica da Ilha e sua gente, cuja leitura é um prazer.

CAMPOS NOVOS EM REVISTA

A Prefeitura Municipal de Campos Novos, minha terra natal, acaba de publicar uma revista bilingüe (português-inglês) com o título de «Campos Novos — Celeiro da Integração», com o objetivo de mostrar as possibilidades do município em face da implantação do MERCOSUL,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

em cujo epicentro está situado e para onde confluem todos os caminhos. Revela, com abundância de dados, as oportunidades que oferece para as atividades comerciais, industriais, agrícolas, pecuárias e outras dos que desejem investir no município que oferece solo, clima e incentivos convidativos e compensadores. A publicação é ilustrada com belíssimas fotos da cidade e da região, uma das mais belas do País, e está sendo distribuida a todos os interessados, bastando solicitar à Prefeitura.

VARIADAS

Estão circulando os números 13 e 14 da terceira fase da «Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina», contendo informações sobre as atividades da instituição e muita matéria variada para ler. *** Recebi e acabo de examinar o volume «Estudo Histórico-Analítico do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina», de autoria de seu presidente, Walter F. Piazza, traçando a biografia da instituição por ocasião das comemorações de seu centenário. *** Está circulando mais um número — o 58º. — do suplemento literário «A Ilha», editado pelo grupo do mesmo nome, da cidade de Joinville, liderado pelo incansável Luiz Carlos Amorim, por todos os títulos merecedor do reconhecimento pela persistência com que se entrega às coisas das letras. *** Realizou-se em Florianópolis, a par da I Feira do Livro de Santa Catarina, o I Encontro Estadual de Escritores Catarinenses, promovido pela UBE — SC e pela ACL. Foram debatidos temas relacionados ao livro, realizados lançamentos e lançado o documento «Carta do Escritor Catarinense.» *** Esteve em nosso Estado, na cidade de Rio Negrinho, o poeta e antologista Roberto de Castro Del'Secchi, organizador de conhecidas antologias poéticas para o lançamento do volume 4 da mesma, do qual participam diversos catarinenses. Segundo informações, o evento foi um sucesso. *** A exposição «Antarctica Artes com a Folha», promovida pela referida cervejaria e pelo jornal **Folha de S. Paulo**, na capital paulista, conta com a participação de vários conterrâneos nossos. *** A sofisticada Dan Galeria, de São Paulo, expôs obras recentes de Alberto Nicolau e pintura, relevo, escultura e gravura de Gerardo Rueda, em eventos que atraíram grande público, inclusive interessados aqui do Estado e que encontrei por lá; *** Muito significativa e justa a homenagem prestada pela Fundação Cultural de Blumenau aos colaboradores beneméritos desta revista, sem cujo apoio ela não circularia. *** Lima Barreto, nos seus costumeiros ciclos de ostracismo e glória, estará em breve nas telas graças ao filme «Policarpo Quaresma», calcado em seu mais famoso livro. É uma grande produção de Paulo Thiago e nela foram cuidados com extrema atenção de todos os detalhes para que o filme não destoe da obra do escritor.

POESIA SEMPRE POESIA

Considerado um dos maiores memoralistas de nossas letras, tendo seus diversos volumes de diários alcançado invulgar sucesso, Ascen-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

dino Leite é também um grande poeta. Para comprová-lo, transcrevo aqui um de seus mais recentes poemas, integrante da série «Jardim Marítimo.»

ORAÇÃO

Vem comigo o teu nome
como agasalho do que sou.
Vem o teu jeito de olhar,
tua voz, o ar angélico,
escapando de ti própria.

Adentremos o roteiro
que aos cegos a luz leva.
Vem; não te esquives de mim.
Estou pronto como um noivo,
um soldado da Rainha
ou seu nome cobridor.

Nome do Padre e do Filho,
nome do Espírito Santo.
Nome de todos os nomes,
nome de Deus, amém.

Curiosidades de uma Época - XLVI

LEOPOLDINO AMORIM

S.C. Wahle
1995

Certa tarde, em torno das 16 horas recebi um telefonema do Sr. Henrique Schiefferdecker informando-me ter recebido um telefonema do Sr. Ernesto Stodieck de Blumenau, pedindo para informar-me do falecimento de minha irmã Isolde, casada com o Sr. Walter Stodieck. O sepultamento seria em Florianópolis ás 9 horas do dia seguinte. O tempo estava muito chuvoso, e só havia um avião para o sul, com horário marcado para as 17 horas, impossível de alcança-lo pois teria que ir até em casa, apanhar algumas roupas. Tratava-se de um avião da Cruzeiro do Sul. Acontecia que o presidente desta empresa aérea era o Eng. Leopoldino Amorim, um ex-colega da Escola Nacional de Engenharia. Ao telefonar-lhe, expliquei o motivo da minha viagem. e ele disse-me: "Siegfried faça tudo com calma, pois o avião irá esperar por Você". E foi o que aconteceu.

Leopoldino Amorim fora um oficial da marinha, que por motivos políticos fora excluído das forças armadas em 1938. Como tinha o direito de aproveitar as matérias da Escola Naval, matriculou-se com outros colegas da marinha, na Escola Naval de Engenharia. Fomos bons colegas e formamos juntos. Ainda encontramo-nos cada cinco anos na comemoração da data da formatura.

Chegando ao aeroporto às cinco e meia, o avião estava esperando. Ao adquirir a minha passagem, havia mais algumas pessoas esperando uma oportunidade para seguir para Florianópolis. Entre as pessoas encontrava-se o Sr. Ingo Hering. Como o avião tinha recebido ordens de esperar por mim o agente do bal-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

ção perguntou-me se eu viajaria só ou acompanhado, pois só dispunha de dois lugares. Foi quando reconheci o Sr. Ingo Hering, e sem saber das intenções dele, pois como sempre e também aí, era uma pessoa reservada, informei ao agente que ele viajava comigo. Disse-me com surpresa que esta seria a última coisa que poderia acontecer pois ele tinha sido o último a chegar. Agradeceu-me, e eu expliquei-lhe a razão da minha viagem e porque o avião estava me esperando. Embarcamos debaixo de muita chuva, levamos cerca de uma hora a mais devido ao mau tempo, para chegar-mos à Florianópolis.

Graças a um compreensível colega de escola foi possível chegar a tempo para acompanhar a minha irmã caçula ao seu último repouso.

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

ATÍLIO ZONTA

GELINDO TESTONI,
Prefeito eleito de Ascurra assume o exercício do cargo

Em 31 de janeiro de 1969, compareceu ao edifício da Prefeitura de Ascurra, Gelindo Testoni, Prefeito eleito do município, no pleito que se realizou em 15 de novembro. Em Sessão Solene da Câmara Municipal, é guindado à Chefia do Executivo, conforme vamos verificar logo adiante. Abertos os trabalhos, o Prefeito Aleandro Bastião Dalfovo abriu as solenidades de transmissão de cargo, formando uma comissão composta pelos vereadores, Antônio Dalfovo e Alberto Possamai, para introduzirem na Câmara de Vereadores, o Prefeito eleito, Gelindo Testoni que é recebido com calorosa salva de palmas. Ao ato, grande número de ascurrenses fizeram-se presentes. bem como, autoridades civis, religiosas e militares, locais e de outros municípios.

O Prefeito Aleandro Bastião Dalfovo, fez uso da palavra, enaltecendo o trabalho desenvolvido pelos colaboradores durante o seu período administrativo, e agradeceu cordialmente, a atuação dos nobres vereadores e, em especial, a toda a população ascurrense. A seguir, fez um quadro expositivo do conjunto de suas realizações, durante a permanência no Poder Executivo. Agradeceu a presença de todos, e desejando pleno êxito ao novo Prefeito, Gelindo Testoni.

Usando da palavra o novo titular, fez um agradecimento a todos quantos o guindaram, pelo voto, ao cargo de Prefeito, prometendo-lhes que atenderia a todos indistintamente, dentro de suas possibilidades e dos meios que o município dispõe. E foi encerrada a solenidade de posse do novo Prefeito Gelindo Testoni.

São elevadas à 1a. Categoria as Escolas Municipais de ILSE e VINTE e NOVE, no Distrito de Ascurra, Município de Indaial

O cidadão Frederico Hardt, Prefeito do Município de Indaial, Estado de Santa Catarina, usando das atribuições que lhe são confe-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

ridas, e tendo em vista a Lei nº. 8, de 5 de dezembro de 1936,

DECRETA:

Art. 1º. — Ficam elevadas à 1a. Categoria as Escolas Municipais de ILSE, em Ascurra, e de 2a., as de Subida, VINTE NOVE, de Ascurra, e Warnow Pequeno, Rio Morto e Polaquia, no primeiro Distrito de Indaial.

Art. 2º. — Revogam-se as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Indaial, em 2 de janeiro de 1937.

Frederico Hardt
Pedro Ferreira.

Levando em conta o número de matrículas e frequência, por DECRETO, é elevada à 1a. categoria a Escola Vinte e Nove

O cidadão Frederico Hardt, Prefeito Municipal de Indaial, Estado de Santa Catarina, na forma da Lei,

Considerando, que a Escola Municipal de Vinte e Nove, no Distrito de Ascurra, foi classificada em segunda categoria;

Considerando, que o número de matrículas e frequência da mesma Escola atingiu à primeira categoria;

DECRETA.

Fica elevada à primeira categoria a Escola Municipal de VINTE E NOVE, no Distrito de Ascurra, a contar de primeiro de abril do corrente ano.

Revogam-se as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Indaial, em 31 de março de 1937.

Frederico Hardt
Pedro Ferreira.

É nomeado o novo Intendente Exator de Ascurra

O Prefeito Municipal de Indaial, resolve,

NOMEAR.

De acordo com o art. 127, da Lei nº. 55, de 20 de dezembro de 1938,

EUGÊNIO POFFO, para exercer o cargo de Intendente Exator no Distrito de Ascurra.

Prefeitura Municipal de Indaial, em 24 de novembro de 1947.

Aroldo Neves
Prefeito.

Auxílio ao Ginásio "São Paulo"

Lei nº. 39, de 1º. de agosto de 1950.

Subvenção ao Ginásio "São Paulo".

Germano Brandes Júnior, Prefeito Municipal de Indaial, faço saber a todos os habitantes deste município, que a Câmara Municipal decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º. — Fica o Governo do Município, autorizado a dar auxílio financeiro ao Ginásio "São Paulo", Ascurra, na importância de CINCO MIL CRUZEIROS (Cr$ 5.000,00.)

Art. 2º. — O crédito a que se refere o artigo anterior, correrá à conta de anulação de igual quantia na verba 0.00.1 - Ajuda de custo aos Vereadores.

Art. 3º — Revogam-se as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Indaial, em 1º. de agosto de 1950.

Germano Brandes Júnior
Prefeito.

Publicado na Portaria, em 1º. de agosto de 1950.

Theobaldo Costa Jamundá
Secretário de Expediente e Pessoal

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Crônica de uma menina blumenauense

(Edith Sophia Eimer)

Em meus ouvidos ainda ecoam as palavras Natal, Natal está próximo. Aos cinco anos de idade esta data tinha algo de mágico, a corôa de advento já tinha sido armada e se encontrava numa mesinha da sala de visitas, onde no grande dia se reuniria toda a família. Duas velas já tinham sido acesas e eu aguardava anciosa o acender das outras, principalmente a última.

Estes dias que precediam o dia 25 de dezembro me trazem ainda hoje gratas lembranças; eu era uma menina feliz, cercada pelo carinho de todos, meus pais eram amáveis e carinhosos, meus avós paternos igualmente, irmãos nunca tivera, era filha única e de certo modo privilegiada.

Chegou finalmente o grande dia. Já de manhã cedo a expectativa me consumia e a noite demorava a chegar; a sala estava fechada, porque nela trabalhava o Papai Noel e seus auxiliares.

Mas a noite veio silenciosa e às oito horas em ponto soou o badalo do sininho. Era o sinal de que Papai Noel terminara seu trabalho e seguia para a próxima casa, onde outras crianças o aguardavam.

Ao som da canção "Noite Feliz", cantada por todos, papai abria a porta da sala, onde a árvore de Natal resplandescia em toda sua beleza; dezenas de velas a iluminavam e bolas reluzentas a enfeitavam. Todos agora se dirigiam à sua mesa onde estavam os presentes expostos, digo todos, pois além de meus pais e avós, também os serviçais participavam desta noite. Desde a mais humilde faxineira ao peão, estavam presentes e recebiam suas prendas, que para alguns era o primeiro natal; nunca tinham visto um igual como este e não escondiam suas lágrimas de emoção. Passado o primeiro deslumbramento, passou-se a abrir os presentes e todos encontravam realizado um pequeno desejo guardado bem lá no fundo do coração.

A minha mesa estava repleta de presentes, com as minhas bonecas preferidas; tinham um vestido novo e num berço para bonecas dormia o bebê que encantava meus olhos. Também os parentes distantes na Alemanha não se tinham esquecido do Natal na distante Blumenau e enviado bonitos livros de estórias que posteriormente seriam lidos por minha mãe ou avó.

Porém toda esta ansiedade pela tão esperada noite se fazia sentir agora e eu adormeci abraçada à minha boneca, entre todos os outros presentes. Amanhã seria outro dia.

Hoje já com mais de setenta anos, não esqueço esta data, essa noite vivida entre meus entes queridos, que há muito já se foram e me deixaram sozinha neste mundo, apenas com minhas recordações, que no entanto, ainda hoje me envolvem numa imensa gratidão e do fundo do coração digo: — muito obrigada por minha infância tão feliz!

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Evolução histórica do Município de José Boiteux/SC[1]

Uma contribuição para o centenário da colonização do Vale do Rio Itajaí do Norte pela Sociedade Colonizadora Hanseática (1897-1997)

NILSON CESAR FRAGA[2]
(Estudante de Geografia da UDESC)

RESUMO

A colonização do espaço geográfico onde se insere o município de José Boiteux, deu-se no final do século passado e início deste, através da Sociedade Colonizadora Hanseática. No município de Ibirama, á antiga localidade de Scharlach foi dado o nome de Distrito de José Boiteux, em homenagem ao notável catarinense José Arthur Boiteux. Em 1958, o distrito de José Boiteux, é elevado a condição de município, com terras desmembradas de Ibirama; mas a independência administrativa tem vida curta, o S.T.F. julgou inconstitucional a Lei nº. 380/1958, que o criara, e José Boiteux volta a condição de Distrito de Ibirama. Somente em 1989, consegue sua definitiva emancipação; justificada pelo fato que Ibirama não oportunizava o desenvolvimento exigido pela comunidade. Além dos dados históricos, apresentamos alguns levantamentos sócio-econômicos que caracterizam o município no contexto regional partindo da sua gênese até os dias atuais.

Em 1997, o Vale do Rio Itajaí do Norte, comemora 100 anos de colonização, propiciada pela Sociedade Colonizadora Hanseática. Para as pessoas que tiveram suas vidas marcadas pelo carinho e dedicação das comunidades que compõem aquela fértil região do Vale do Itajaí, assim como eu, estes meses que antecedem as festividades do centenário são de ansiedade e alegria.

Assim sendo, em agradecimento pela magnífica infância que me proporcionaram às populações de José Boiteux e Ibirama, procedi levantamento dos acontecimentos que marcaram a história do município de José Boiteux, com o intuito de contribuir com subsídio teórico, até então inexistente, no que tangenciava a exclusividade dos fatos históricos deste município.

O núcleo urbano do município é pequeno, quando da emancipação, apenas 269 edifícios formavam a cidade de José Boiteux (sede). A infra-estrutura urbana, e também a rural, exigem medidas no sentido de proporcionar à população, serviço de água potável, transporte, energia elétrica, telefone, educação, saúde dentre outros.

A estrutura econômica está condicionada no setor primário, isto ocorre com a ampla maioria dos municípios

1 — Parte integrante da pesquisa: "OBRAS POR MAIS DE UMA DÉCADA" — Estudos do Processo de Construção da Barragem Norte no Município de José Boiteux/SC (1974-1992) — CNPq. Que está sob a orientação do Prof. Msc. MAURÍCIO AURÉLIO DOS SANTOS: Mestre em Geografia pela UFSC. Professor da Graduação da UDESC e da Pós-Graduação — Educação e Meio Ambiente da UDESC.

2 — Autor/Pesquisador/Acadêmico da 8ª. fase do curso de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

do Itajaí do Norte, que estão fundamentados especialmente na agricultura e pecuária. Mas esta é outra história, partimos agora para os fatos que marcaram a evolução histórica deste município.

Em 31 de março de 1897, foi organizado em Hamburgo, na Alemanha, a Sociedade Colonizadora Hanseática, com as transferências das antigas concessões dadas pelo governo da Província de Santa Catarina à Sociedade Colonizadora Hamburguesa, fundada em 05 de maio de 1849, que tinha como finalidade primordial colonizar as terras devolutas dos vales do rio Itajaí do Norte (ou Hercílio) e Itapocu.

O diretor da Sociedade Colonizadora Hanseática, A.W. Sellin, o engenheiro Emílio Odebrecht, acompanhado de seis caboclos e um cozinheiro alemão, chegaram, a 08 de novembro de 1897, á barra do ribeirão Taquaras, onde atualmente encontra-se o centro urbano do município de Ibirama; naquela época fora denominado de Itajahy-Hercílio e depois Hansa, este causou grande confusão (esta confusão não se restringia a esta nova colônia, todas as outras era conhecida apenas como Hansa, devido ao fato de estarem muito afastadas umas das outras), mais tarde optou-se pela denominação Hammônia, afim de não causar tantos embaraços.

A expedição seguiu o curso do rio Itajaí do Norte, ou Hercílio, até alcançar a Serra Dobrada, dali para frente era impossível seguir de canoa, o chefe da expedição observou em suas anotações que a extensão percorrida já lhe permitiria executar o plano de colonização de 20 anos, conforme o acordo de 1895, firmado com o governo do Estado. Ao retornar a Taquaras, o diretor A.W. Sellin mandou derrubar matas e abrir descampados, enquanto o engenheiro Emílio Odebrecht demarcou a primeira área da nova colônia com 126.332,70 hectares.

Construiu-se também, uma estrada de acesso à sede da colônia, Via Ribeirão Cocho-Taquaras e edificou-se um grande galpão para receber e hospedar os colonos que para ali se encaminhassem.

O Sr. Willy Luderwald e sua esposa foram os primeiros colonos recebidos na Sociedade em junho de 1899. No final deste mesmo ano, chegou a primeira leva de colonos.

O município de Ibirama, assim como o município de José Boiteux, oferecem muita originalidade pela procedência e costumes de seus habitantes, destacamos algumas que marcaram a formação étnica dessa colônia: os poloneses, povoaram a parte mais alta do município, como o rio da Prata, rio Veraneira e Mirador, eram procedentes da antiga Colônia Lucena, do Estado do Paraná, ainda no período do litígio entre Santa Catarina e aquele Estado, e os que estavam localizados em Itaiópolis; os índios Botocudos, no Posto Duque de Caxias, em José Boiteux, que lá se encontram desde que foi celebrada a Pacificação, em 20 de setembro de 1914; os Menonitas de descendência alemã, que se viram obrigados a abandonar a Rússia-Soviética e se refugiaram na Alemanha. Aproximadamente, 1400 deles foram encaminhados, em 1930, por conta do governo alemão para o Brasil, onde primeiramente se estabeleceram no Dollmann (José Boiteux) e depois colonizaram o rio Krauel; temos ainda os alemães-russos, procedentes da Wolhyn (Ucrânia) e do Cáucaso: Grasna, Crans e Tiflis, estabeleceram-se em Neu Bremen e Gustavo Richard; 30 famílias suíças que vieram em 1923 estabeleceram-se em Bernburg, na Serra Vencida, o governo suíço ajudou com dinheiro para a compra das terras, mais tarde enviou-lhes gado de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

raça, poucos desses eram lavradores, a maioria seguiu para São Paulo e Paraná; no distrito de José Boiteux e em Ribeirão do Ferro se estabeleceram italianos provenientes de Indaial, Rodeio e Timbó, além de outras famílias alemãs vindas do Sul do Estado.

O Decreto Estadual nº. 227, de 26 de outubro de 1904, deu concessão à Sociedade Colonizadora Hanseática, para construir e explorar a estrada de ferro Ibirama-Blumenau, o levantamento topográfico foi realizado em 1905. Em 1906, a Sociedade transferiu a concessão para a S.A. Estrada de Ferro Santa Catarina, com sede em Berlim, Alemanha, que em 02 de dezembro de 1906, iniciou a construção da estrada de ferro. Em 03 de maio de 1910, correu um trem especial para inaugurar o trecho Blumenau-Warnow. A 01 de outubro de 1910, chegou a Ibirama a primeira locomotiva.

No início do século, foi instituído no Rio Grande do Sul um concurso para criar um hino teuto-brasileiro; tendo como vencedor o poeta Otto Meyer, estabelecido naquele Estado e alemão de nascimento. Seus versos são maravilhosos, mas não conseguiram empolgar o Vale do Itajaí. Como hino teuto-brasileiro, cantava-se no vale **"Mein Vaterhaus"** (minha casa paterna), de Rodolfo Damm. Outra letra para o referente concurso foi a do pastor e professor Dr. Paulo Aldinger, de Ibirama: **— "Nun singt dem neuen heimatland, Brasilien zu ehren..."** (Cantai a nova pátria, em homenagem ao Brasil). Este hino foi cantado em todas as escolas particulares de Ibirama, das quais ele era inspetor.

O município de Ibirama, incluindo o distrito de José Boiteux, no ano de 1946, contava com uma população de cêrca de 30.000 habitantes, hoje após a emancipação de alguns distritos, a população absoluta de Ibirama é de 13.628 habitantes, conforme dados do Censo Demográfico de 1991 da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/FIBGE.

Com base nos fatos que marcaram a colonização do atual município de Ibirama, podemos afirmar, em linhas gerais, que a história da fundação e colonização de José Boiteux tem ligação com a evolução histórica de Ibirama, pois deste foi desmembrado. Assim, no início deste século, José Boiteux teve seus primeiros colonizadores estabelecidos, que eram imigrantes alemães, da sociedade Colonizadora Hanseática.

Em linhas gerais, esta é a gênese histórica do município de José Boiteux, que inicialmente chamava-se Scharlach. O Dr. Julius Scharlach (1842-1908), foi advogado de Hamburgo e primeiro presidente do conselho fiscal da Sociedade Colonizadora Hanseática. Esta localidade recebeu a denominação, distrito de José Boiteux, em 1934, quando Ibirama ainda era distrito de Blumenau.

Segundo MEIRINHO (1978), "no Município de Ibirama, à antiga localidade de Scharlach foi dado o nome de Distrito de José Boiteux"; o Decreto nº. 469 do Coronel Aristiliano Ramos, Interventor Federal no Estado de Santa Catarina, no uso das suas atribuições e consultando aos interesses do Município de Blumenau,

> **"DECRETA: Art. 1º. — Fica creado no município de Blumenau, o distrito de José Boiteux, (...). Palácio do Governo em Florianópolis, 26 de janeiro de 1934. Aristiliano Ramos, Plácido Olímpio de Oliveira".3**

José Arthur Boiteux, nasceu em Tijucas no dia 09 de dezembro de 1865.

3 — Decreto nº. 469, de 26 de janeiro de 1934, constante dos arquivos da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Seus primeiros estudos foram na terra natal, depois na capital, onde freqüentou o Liceu Provincial. Matriculou-se na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro aos 18 anos, mas abandonou este curso no segundo ano, transferindo-se para o curso de Direito em São Paulo.

Iniciou sua vida política em 1890 quando regressou a Santa Catarina, sendo oficial de gabinete no primeiro governo de Lauro Müller até 1893. Neste período, regressa à cidade do Rio de Janeiro onde trabalhou na administração municipal. Em 1894 retorna a Santa Catarina para ser Secretário do Governo de Lauro Müller.

Foi Deputado Federal entre 1900 e 1902; Deputado Estadual em três legislaturas e mais uma vez Secretário de Estado no segundo governo de Hercílio Luz, ocupando a pasta do Interior e Justiça.

Participou da Fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, em 1896. Incentivou a criação da Sociedade Catarinense de Letras, em 1920, hoje Academia Catarinense de Letras.

"A instalação do ensino superior no Estado também foi sua iniciativa, em 1917 com o Instituto Politécnico e em 1932 com a Faculdade de Direito."4

No Governo Hercilio Luz, foi nomeado Desembargador e com a criação da Justiça Eleitoral, depois da Revolução de 1930, foi membro do Tribunal Regional, onde faleceu em 08 de janeiro de 1934.

Em nome da Academia Catarinense de Letras, Diniz Junior disse:

"José Boiteux, um nome sem nenhuma fronteira em nossa terra, consumiu os seus dias em busca da inteligência, semeando, infatigavelmente, por todos os recantos da terra natal, os núcleos de cultura que melhor traduziram a fé inesgotável da sua alma no espírito dos homens que aqui nasceram."5

A necessidade de incluirmos essa pequena biografia de José Arthur Boiteux, deve ser considerada na medida do desconhecimento da gênese da nomenclatura "José Boiteux" naquele município. Deve ainda servir de subsídio para o esclarecimento da importância deste notável catarinense na história de Santa Catarina e patriarca do Ensino Superior do Estado.

JOSÉ BOITEUX: Evolução política. A luta pela independência administrativa.

Quando criado, o distrito de José Boiteux, pertencia ao Município de Blumenau, pois neste período Ibirama ainda não havia conquistado sua autonomia política:

"DECRETO Nº. 469
O Coronel Aristiliano Ramos, Interventor Federal no Estado de Santa Catarina, no uso das suas atribuições e consultando aos interesses do município de BLUMENAU,

DECRETA:

Art. 1º. — Fica creado, no município de Blumenau, o distrito de José Boiteux, com os seguintes limites:

Ao NORTE, com o município de Itaiópolis, por seus atuais limites com o município de Blumenau a partir da mais alta cabeceira do Rio da Prata até a sua foz no rio Itajaí do Norte, e por êste até a barra do rio do Toldo, o qual sobe até sua mais alta nascente.

Ao SUL, com os distritos de Harmonia e Gustavo Richard, pelas seguintes divisas: pelas linhas late-

4 — MEIRINHO. 1978, p. 69.
5 — MEIRINHO. 1978, p. 71.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

rais dos lotes coloniais nrs. 201 e 213, seguindo pelos fundos dos lotes 1.147 a 1.149, e pela linha lateral dêste último até os lotes 1.150 e 1.151, pelos quais segue, tomando as linhas dos lotes 384 e 386 e depois 1313 a 1304, 1290 a 1296, 1.314 a 1.322, seguindo então pelo divisor de águas dos rios Dollmann e Krauel, até a Serra do Mirador.

A LESTE, com os distrito Benedito-Timbó e Harmonia, seguindo pela linha lateral do lote 200 e fundos dos lotes 937 a 939, depois pela lateral do lote 957 segue, indo então pelos fundos dêste até o lote 967, seguindo pela linha lateral do lote 916 e depois pelos fundos dos lotes 2252 a 2244 a 2247 e laterais do lote 916 e depois pelos fundos dos lotes 2252 a 2249, de onde segue pelo divisor de águas dos rios Braço Rafael e Scharlach até a Serra do Mar e por esta até as cabeceiras do rio Toldo.

A OESTE, com o município de Rio do Sul, pela Serra do Mirador.

Art. 2º. — A séde do novo distrito será o povoado do rio Scharlach, que passará a denominar-se JOSÉ BOITEUX.

Art. 3º. — Para a instalação do distrito, ora creado, fica designado o dia 4 de fevereiro proximo vindouro.

Art. 4º. — O primeiro provimento vitalicio das respectiva Escrivania Distrital, será feito livremente pelo Govêrno independente de concurso.

Art. 5º. — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Govêrno em Florianópolis, 26 de janeiro de 1934.

Aristiliano Ramos

Plácido Olimpio de Oliveira"6

Até o final da década de oitenta, o município de Ibirama possuia os seguintes distritos: Victor Meirelles, Dalbérgia, Ibirama (sede) e José Boiteux; em 1989 ocorreu o desmembramento dos distritos de Victor Meirelles e de José Boiteux, até essa época Ibirama possuia uma das maiores áreas territoriais do Estado.

O processo de emancipação do distrito de José Boiteux teve início no primeiro semestre de 1986, onde várias reuniões foram executadas pela comunidade com o intuito de delinear os pontos para montar o processo que culminaria com a solicitação de plebiscito junto a Prefeitura Municipal de Ibirama, esta por sua vez emitiu certidão do cadastro imobiliário,

"Constatei que o Distrito de José Boiteux, possue atualmente, em sua zona urbana, um total de duzentos e sessenta e duas (262) edificações, compreendendo moradias unicelulares, casa comerciais e estabelecimentos industriais".7

No documento, consta que em conformidade aos dados do Censo da IBGE/1980, distrito possuia uma população de 6.089 habitantes, este documento, junto com outros, serviu de anexo do abaixo-assinado encaminhado ao Excelentissimo Senhor Doutor Stélio Cascaes Boabaid - DD. Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, sendo lido no expediente da sessão de 18 de junho de 1986 e encaminhado á Comissão de Constituição e Justiça.

---

6 — Documento contido no processo de emancipação do município de José Boiteux, em 1986.

7 — Certidão emitida pelo Sr. Luiz Alexandre Müller, Prefeito do Município de Ibirama, em 28 de junho de 1986.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

"ALDO MORETO, AUGUSTINHO FUSINATO, AUGUSTO MOSER, EVALDO POSSAMAI e outros abaixo assinados, todos brasileiros, maiores, eleitores e residentes por período superior a um ano na área em questão, (...) vêm, respeitosamente, requerer a essa Assembléia Legislativa, e criação do município de JOSÉ BOITEUX, desmembrado do atual município de Ibirama (...) Nestes Termos, Pedem Deferimento. José Boiteux - Ibirama - SC, 05 de junho de 1986."8

8 — Requerimento pelo plebiscito no Distrito de José Boiteux, para viabilizar a emancipação. Documento constante dos arquivos da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1986.

(Continua no próximo número)

REGISTROS DE TOMBO DE BRUSQUE (IX)

Pe. Antônio Francisco Bohn

26—27— Provisões de confessor ordinário das Irmãs (Pe. José Bollinger) e confessor extraordinário (Pe. Vicente Britzen) em 14/03.

28—30— Dispensas matrimoniais (Bráz Maçaneiro e Justina Maçaneiro / Domingo Merico e Erno Niebuhr / Sebastião Pontiolli e Verônica Marasky) em 29/03.

31 — Provisão para receber na Igreja Católica o Sr. João Zabel, em 29/10/1920.

32 — Provisão de coadjutor e faculdades ao Pe. José Bogmann, em 22/02/1921.

33 — Provisão para celebração de Missa campal, em 06/05.

34 — Provisão para receber na Igreja Católica o Sr. Pedro Jansen, em 20/06.

35 — Provisão para bênção da reconstruída capela de Ribeirão do Mafra, em 06/07.

36 — Dispensa matrimonial (Carlos Ristow e Ana Benting) em 25/06.

37 — Dispensa matrimonial (Manoel Novaes e Lúcia de Souza), em 20/07.

38 — Provisão de vigário ao Pe. Francisco Schüler, em 25/08.

39 — Provisão de vigário forâneo da comarca ao Pe. Francisco Schüler, em 25/08.

40 — Provisão de bênção da nova Capela de Nova Itália, em 17/09.

41 — Provisão da Capela de Nova Itália ,em 17/09.

42 — Provisão de confessor extraordinário das Irmãs da Divina Providência em favor do Pe. José Bogmann, em 19/09.

43 — Termo de bênção da capela de Ribeirão do Mafra, pelo Pe. José Bollinger, em 24/10.

44 — Dispensa matrimonial (Júlio Gevaerd e Anna Graupner), em 24/10.

45 — Licença para bênção da Capela de Santa Lucia no Morro dos Polacos, em 15/11.

46 — Dispensa matrimonial (Guilherme Feush e Martha Boransosky) em 07/12.

47 — Licença para bênção do novo sino e imagens na Capela de Águas Claras, em 07/12.

48 — Nomeação do Pe. José Bollinger, como coadjutor, em 15/12.

49 — Provisões de faculdades, em 15/12.

50 — Nomeação do Pe. Francisco Schüler, como vigário de Brusque em 15/12.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

51—53— Provisões de faculdades ao Vigário, em 15/12.

Ano de 1922:

1 — Termo de Visita do Vigário à Capela de Limeira, em 02/01.

2 — Dispensa matrimonial (Oswaldo Ohlinger e Erna Bauer), em 03/01.

3 — Termo de Visita do Vigário à Capela de Barracão, em 09/01.

4 — Dispensa matrimonial (Augusto e Maria Mark), em 07/01.

5 — Festa e Missa na capela de Nova Itália, em 15/01.

6 — Termo de Visita à Capela do Lageado, em 15/01.

7 — Provisão de coadjutor ao Pe. José Rogmann, em 15/12/1921.

8 — Termo de visita à capela de Cedro Grande ,em 19/01.

9—11— Dispensas matrimoniais (José Rudolf e Ida Baungart/Leopoldo Mafra e Felicidade Mafra / Augusto e Mathilde Schweigert), em 01/02.

12 — Visita e Missa na capela de Guabiruba, em 09/02.

13 — Provisões anuais da Capela de Brusque, em 01/02.

14 — Provisões anuais das Capelas de Porto Franco, em 01/02.

15 — Visita e Missa na Capela de Ribeirão do Mafra, em 13/02.

16 — Visita e Missa na Capela de Guabiruba, em 15/02.

17—21— Visitas e Missas nas Capelas de : Barracão (20/02) Guabiruba (27/02), Limeira (03/03), Lageado (10/03), Planicie Alta (12/03).

22 — Provisão de vigário em favor do Pe. Germano Brand, em 10/03.

23 — Ata de posse do vigário, em 19/03.

24 — Festa na Capela de Barracão, em 19/03.

25 — Missa na capela de Poço Fundo, em 23/03.

26 — Provisão anual dos Conselhos de Fábrica da Matriz e Capelas, em 31/01.

27—39— Visitas paroquiais às Capelas de Guabiruba (26/03) Ponta Russa (28/03), Cedro Grande (31/03), Águas Negras (03/04), Nova Itália (04/04), Ribeirão do Ouro (06/04), Santa Luzia (06/04), Matriz de Porto Franco ..... (11/04), Cedro Pequeno (11/04), Limeira (23/04), Guabiruba (05/04), Lageado (30/04), Matriz de Porto Franco ..... (08/05).

40 — Provisão de vigário encarregado ao Pe. Germano Brand, em 01/05.

41 — Provisão de vigário forâneo da Comarca de Brusque ao Pe. Germano Brand, em 01/05.

42 — Licença para missa e exposição ao SS. Sacramento, em 27/04.

43 — Dispensa matrimonial (Frederico Hofelmann e Luiza Bertoli) em 06/05.

44—45— Visitas paroquiais às Capelas de Barracão (15/05), e Guabiruba (22/05).

46 — Dispensa matrimonial (Ernesto Comandolli e Ana Colzani), em 22/05.

47—52— Visitas paroquiais: Ribeirão do Ouro (26/05), Águas Negras (29/05), Guabiruba (05/06) Matriz de Porto Franco (16/06), Ribeirão do Ouro (24/06), Cedro Grande (29/06).

53 — Dispensa matrimonial (Fernando de Souza e Emerenciana de Souza Silva), em 13/06.

54—64— Visitas paroquiais: Planicie Alta (03/06), Nova Itália (10/07), Cedro Pequeno (13/07)), Matriz de Porto Franco (17/07), Barracão (23/07), Guabiruba (30/07), Ponta Russa, (03/08), Limeira (07/08), Matriz de Porto Franco (14/08), Lageado (21/08), Guabiruba (23/08).

65 — Provisão para admissão na Igreja Católica: Martha Frensch, em 27/08.

66—78— Visitas paroquais: Matriz de Porto Franco (08/10), Barracão

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

(16/10), Águas Negras (22/10), Guabiruba (29/10) Cedro Grande (03/11), Limeira (06/11), Ribeirão do Ouro .... (20/11), Porto Franco (04/12), Lageado (09/12), Guabiruba (10/12), Santa Luzia (13/12), Barracão (24/12).

79 — Provisão para erigir a Via-Sacra na Capela das Irmãs e no Monte Calvário em Porto Franco, em 05/12.

80 — Provisão de confessor ordinário das Irmãs em favor do Pe. Germano Brand, em 06/12.

81—83 — Dispensas matrimoniais (Otto Metzner / Teresa Rortámel) (Eduardo Jansen e Gertrudis Meyering) em 16/12.

82 — Visita paroquial na Matriz de Porto Franco, em 30/12.

Ano de 1923:

1 — Provisão de bênção de imagem e sino na Capela de Águas Negras, em 16/01.

2 — Provisão para construção da Nova Capela em Guabiruba, em .... 18/11/1922.

3—9— Visitas paroquiais: Guabiruba (07/01), Nova Itália (15/01), Barracão (21/01), Cedro Grande (19/01), Águas Negras (23/01), Ribeirão do Ouro (27/01), Matriz de Porto Franco (29/01).

10—13 — Provisões de faculdades ao vigário, coadjutores, em 29/01.

14 — Dispensa matrimonial (João Raphael Sabino e Albertina Krause), em 29/01.

15—31— Provisões anuais das Capelas e Conselhos de Fábrica: Matriz, Limeira, Poço Fundo, Lageado, Planície Alta, Ribeirão do Mafra, Cedro Pequeno, Barracão, Guabiruba, Cedro Grande, Ponta Russa, Bela Vista, Morro dos Polacos, Santo Amaro, Ribeirão do Ouro, Matriz de Porto Franco, Águas Negras, em 31/01.

32—45— Visitas paroquiais às Capelas acima citadas, em diversas datas.

46 — Dispensa matrimonial (José da Cunha Bittencourt e Mariana da Silva, em 09/04.

47 — Provisão para receber na Igreja Católica: Alvina Kormann, Paulina Villnock e Anna Naffiro, em 09/04.

48—50— Visitas paroquiais: Limeira (15/04), Guabiruba (16/04) e Barracão (29/04).

51 — Dispensa matrimonial (José Hassmann e Ida Prieba), em 02/05.

52 — Visita paroquial: Guabiruba (14/05).

53 — Provisão para bênção da imagem de Nossa Senhora, em 02/05.

54 — Termo da bênção, em 10/05. Visita pastoral de Dom Joaquim Domingues de Oliveira, em 14/06.

55—73— Visitas Paroquiais: Guabiruba (15/05), Cedro Grande (24/5) Barracão (04/06), Lageado (03/06) Guabiruba (08/07), Cedro Pequeno (16/07), Barracão (23/07), Planície Alta (30/07) Santa Luzia (06/08), Limeira (10/08), Nova Itália (12/08), Ribeirão do Mafra (19/08), Barracão (08/10), Lageado (15/10), Ribeirão do Mafra (21/10), Planície Alta (29/10).

74—77— Provisões matrimoniais: Frederico Guckeisen e Sofia Korb (08/10), Carlos Ristow e (...) (09/10), Antônio Niebuhr e Maria Pires (08/11), Vicente e Maria Erthal (8/11).

78—79— Visitas paroquiais· Limeira (16/11), Cedro Grande (21/11).

80 — Bênção da Nova Capela de Guabiruba, em 18/11.

81—83— Visitas Paroquiais: Santa Luzia (16/12), Barracão (23/12), Guabiruba (23/12).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Jornais do meu tempo (3)

Gervásio Tessaleno Luz

Rubens Heusi, um cronista que nunca escreveu, — como o meu pai, o advogado Ademar Luz, um poeta que recusou-se a deixar versos escritos, — leu meus textos sobre os jornais de Blumenau e emprestou-me, a título de subsídio, uma preciosidade. "Otaviano Ramos", obra de José Ferreira da Silva.

Os dois, amigos, fundaram um jornal que se tornou um marco da imprensa cá da terra, nas suas diversas fases. "A Cidade", mais tarde,"A Cidade de Blumenau".

Tempos duros, década de 30. Fazer aqui um impresso em língua portuguesa não significava bom negócio, em que pesassem os objetivos nacionalistas. Prosperavam apenas jornais em idioma alemão. Para os "nossos" não havia leitores, muito menos publicidade.

E dois "imigrantes" criaram "A Cidade de Blumenau". José Ferreira da Silva e Otaviano Ramos eram nascidos à beira-mar. O primeiro, das Tijucas. O outro, de São José. Fincaram pé no interior e cresceram

José Ferreira foi prefeito nomeado e Otaviano, chefe da agência telegráfica nas terras do dr. Blumenau. Dois amigos, pois escritores, dois jornalistas.

Ferreira confessa que nunca se atreveu a fazer versos, mesmo tentado nos tempos do primeiro amor. Com Otaviano foi diferente. Comecou nos bancos escolares, com rimas ingênuas e acabou sonetista de primeira água. Sua cultura? Pouco, quase o mínimo, de escola tradicional. Quase toda fruto de muita leitura, o que caracterizou toda uma geração. Ah! Os autodidatas!

Ferreira depõe: "A Cidade" foi premeditada e feita em seis dias, tal como Deus criou o mundo. Com a diferença que Deus fez obra grandiosa e nós um minúsculo amontoado de "pastéis".

E dá uma exata descrição do espírito otaviano, quando descreve o desabafo do seu companheiro de empreendimento jornalístico: "É... parece que nós previamos tudo isso (preocupações, exigências de tipógrafos, reclamações de assinantes e anunciantes, de colaboradores, falta de numerário para tinta e papel), ao batizarmos a nossa folha "A Cidade" é sinônimo de acidez. E como o diabo desse jornal tem-me azedado a vida!..."

E azedou também a vida de seu novo proprietário. Vejam:

Nos tempos da ditadura de Vargas, houve muita bravura. Achiles Balsini dirigia, a todo vapor, "A Cidade de Blumenau", órgão oficial da sempre vigilante UDN. Fazia de tudo: do escrever ao compor o jornal. Só faltava mesmo ir de porta em porta entregar o produto. Certa noite, depois de consumir umas e outras caninhas luizalvenses, recebe uma circular do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), na época um SNI (Serviço Nacional de Informações) da comunicação.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Continha os assuntos de que o jornal não deveria se ocupar.

Tomado de espírito cívico, Achiles, nome de guerreiro, irmão de duas ilustres figuras — o médico Afonso e o juiz Artur — não teve dúvida.

Estampou o comunicado (feito apenas para ele, na condição de proprietário, editor, repórter, redator, capidesque, secretário, diretor-comercial e jornalista responsável) em primeira página, caixa alta, cercado.

Queria que o leitor soubesse o porquê de suas estranhas amenidades.

A folha rodou, correu Blumenau.

Balsini, como diziam os repórteres policiais de antigamente, passou dias vendo o sol nascer quadrado.

BRUSQUE
foi uma colônia de ingleses?

Aloisius Carlos Lauth
Fone (047) 325-2316

Em época que se fala de globalização da economia e internacionalização dos costumes, é bom saber que Brusque foi território de colonização agrícola de diversas nacionalidades, principalmente de ingleses. Não fiquemos apenas no sucesso da imigração alemã! É pouco, perto do esforço humano de sobreviver na selva e criar os filhos para o futuro. Algumas famílias, como Winter e Murphy, são de origem desta colônia. Precisamos resgatar quem deu vida a esta cidade. É pré-condição para estabelecer vínculos culturais e, por que não, comerciais? Sabe como esta história aconteceu?

A CHEGADA DOS INGLESES

No dia 11 de fevereiro de 1867, Dr. Barzillar Cottle recebia da Mesa de Rendas, na Vila do Itajahy, a quantia de R$ 600$000 em pagamento das despesas de uma expedição de 98 imigrantes de língua inglesa, quase todos repatriados dos Estados Unidos da América, com os quais iria fundar uma colônia agrícola na margem direita do Rio Itajaí-mirim. Bem perto daí, há 4 km abaixo do rio, situava-se a a Colônia Itajahy, de imigrantes alemães, dirigida por Maximiliano von Schneeburg. A sede ficava nos fundos do morro da Souza Cruz, nas margens do rio, onde hoje está a Escola Municipal Padre Luiz Gonzaga Steiner. Dali seguia uma picada entre os morros em direção às Águas Claras.

O Decreto Imperial de criação da «Colônia Príncipe D. Pedro» leva a data de 16 de janeiro de 1866. O nome da colônia foi uma homenagem da Diretoria de Terras Públicas ao Imperador D. Pedro II. O Governo Brasileiro praticava uma política de nacionalização, inclusive nas colonizações agrícolas, estando diante da Geurra do Paraguai.

Para dirigir a nova colônia, foi contratado um diretor de origem irlandeza, que já havia realizado idêntico trabalho em terras mexicanas. Tendo em vista o primeiro

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

acampamento dos colonos, podemos assinalar a data de 10 de março de 1867, como a de sua fundação. Os colonos eram em sua maioria de língua inglesa: ingleses, irlandeses e sulistas americanos. Boa parte deles, havia imigrado para o território americano, numa época de dificuldades para o assentamento de colonos. Os EUA estavam saindo da Guerra de Secessão e a crise econômica se alastraria pelo sul do país. Grandes obras como a construção das principais ferrovias foram desativadas. A mão-de-obra desqualificada, e que não servia para a plantação dos algodoais, é dispensada. O Governo Americano incentivaria a re-imigração dos colonos de língua inglesa. Coincidentemente, o Governo Imperial Brasileiro está promovendo o ingresso de imigrantes para a colonização no sul do país. Assim, tivemos a felicidade de ver nascer no município de Brusque uma colônia de ingleses. Eram colonos de várias nacionalidades, mas que usavam a língua inglesa!

Na Vila do Itajahy, Dr. Barzillar Cottle fretou pequenas embarcações a remo e iniciou o transporte dos imigrantes em turmas. Von Schneeburg enviou, igualmente, as duas canoas da diretoria da Colônia Itajahy. Foram três longos dias de trabalho rio acima. Os colonos foram alojados no Barracão dos Imigrantes, na Colônia Itajahy, que servia de acomodação aos alemães.

Von Schneeburg foi surpreendido com os acontecimentos. Reclamou a posse das terras da margem direita do rio, com a Presidência da Província de Santa Catarina, onde já havia demarcado 21 lotes e assentado alguns alemães na região de Pedras Grandes. Em sua administração, havia planejado a expansão da colônia alemã naquele território, supondo existirem terras férteis, apesar da geografia acidentada. A colônia alemã ocupará, a partir de então, as terras devolutas do lado das Bateias e da Limeira.

O clima social que se criou no Barracão dos Imigrantes, com a vinda dos ingleses, americanos e irlandeses, não foi positivo. Os novos colonos esperavam encontrar melhores condições e notícias de riqueza que o Ribeirão do Ouro já assinalava. Não havia picada para o interior do território e nem os lotes tinham sido demarcados. Corriam notícias da morte do alemão Heirinch Friedrich Seefeld, flechado no coração por ataque dos bugres.

Cottle dedicou-se a definição da sede e ao reconhecimento topográfico do terreno. Escolheu a confluência do Ribeirão das Águas Claras com o Rio Itajaí-mirim para a instalação inicial da novel colônia, como se pode observar no mapa. A Colônia Príncipe D. Pedro situava-se 4 km acima da colônia alemã. Identificou as terras de Cedrinho e Águas Claras como próprias para a lavoura. Determinou melhorias na picada que levava a Pedras Grandes e a chamou de Rodges Road.

OS PRIMEIROS CONFLITOS

Os 98 colonos de língua inglesa aguardaram as providências de assentamento no Barracão dos Imigrantes. Alguns deles eram irlandeses e, logo de início, meteram-se em confusão na taverna de um alemão. O fato chegou ao conhecimento do Dr. Cottle no dia 24 de fevereiro daquele 1867. Este, homem tido como bom, sisudo, mas circunstancial, decidiu expulsar os tumultuosos. O grupo de colonos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

se apoiou, entretanto, e resolveu sair juntos da colônia. Os 17 imigrantes irlandeses retornaram à Vila do Itajahy, fazendo muito estardalhaço. A Presidência da Província alertou o Diretor das despesas que já haviam ocorrido com os colonos e recomendo-lhe imediata transferência do acampamento para o território dos americanos.

Assim, em março, os imigrantes de língua inglesas buscaram ocupar-se das terras. Novos colonos continuavam vindo, aumentando os problemas de acomodação no barracão provisório e sobrevivência dos mesmos. Eles desconheciam o que iriam enfrentar: «correrias» dos bugres, mata para ser derrubada e primeiros plantios de mandioca, batata e milho; falta de assistência médica; da falta de ferramentas e instrumentos agrícolas e subsídios para a manutenção da família. Já os colonos nem todos eram agricultores. Alguns eram solteiros. Os casados vieram sozinhos. Tinham profissão de mecânicos, ex-soldados da Guerra de Secessão, operadores de fábricas e até construtores de ferrovias. Todos tinham espírito aventureiro e se embrelharam na mata para construir uma vila agrícola.

A assistência social foi ministrada por abnegados como o Dr. Franklin Hutton, médico da Pensilvânia, USA. O Pe. José Lazenby, de nacionalidade irlandesa, desenvolveu a pastoral dos casamentos e batizados. Sua amizade com Dr. Cottle, valeu a conversão de credo religioso do diretor, em data de 11 de fevereiro de 1868.

Dois anos depois

A Colônia Príncipe D. Pedro apresentava relativo desenvolvimento em fins de 1868. O Hospital era dirigido pelo Dr. Emmons van Giesen. O capelão católico era o Pe. José Lazenby, substituído depois pelo inglês Pe. John Haber. Os colonos Charles Hughes e Edward Owens construíram o primeiro engenho de farinha de milho. O encarregado do Armazém de Víveres era Robert H. Nielson. A segurança da colônia foi entregue a Patrick Murphy. Os colonos novos estavam sendo assentados nas terras do Ribeirão do Creecker e do Ribeirão Alferes. Grandes despesas haviam sido feitas na Little Cities. O Barracão dos Imigrantes havia sido deslocado para a encruzilhada do Ribeirão dos Cedros. A sede tinha 33 casas, distribuídas em 4 ruas. A colônia tinha 331 habitantes fixos, dos quais apenas 114 eram casados.

Os problemas que a colônia enfrentou eram idênticos aos das demais: financiamento das atividades agrícolas dos colonos e obras de infra-estrutura. A fome reinava em toda a linha colonial. Os colonos passaram a formar grupo para deixar o lugar. Assim fizeram os líderes Patrick Fitzgerald, Catharine Connely, Margareth Boewen e Albert Pinson. A situação entre os colonos de língua inglesa e os germânicos agravou-se ainda mais quando a Presidência da Província indicou o Barão Frederic von Klitzing, então diretor da Colônia Itajahy, como novo diretor da Colônia Príncipe D. Pedro. O diretor não entendia o idioma inglês e substituiu os cargos de confiança por alemães. A colônia passou por uma fase de pan-germanismo. Um fato esclarece a situação. Ao carregar sua arma com munição, o médico Dr. Richard Windele fere, acidentalmente, a mão de um colono alemão. O delegado alemão, Frederico Heeren, prende o médico e cria

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

um caso diplomático com a Inglaterra. O Imperador D. Pedro II enviou para cá o Eng. Dr. Ignacio da Cunha Galvão, do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

O abandono

A reação dos colonos de língua inglesa é de desistência e abandono. Dia 17 de setembro de 1868, o secretário Elpídio de Mello recebe, boquiaberto, um cortejo de 100 colonos, liderados por 3 americanos portando bandeiras de origem. O bumbo marcava o compasso. Os colonos cantavam marchas da Guerra Civil Americana. Exigem melhorias e saúdam o diretor com 3 «vivas».

Von Klitzing é preso por suspeita de desviar 12 contos de réis da Colônia Príncipe D. Pedro, juntamente com o agrimensor, Leo Arnoldi. E, ao final daquele ano, chuvas torrenciais provocariam a maior cheia do Rio Itajaí-mirim, cujo nível atingiu 29 palmos. As correntezas foram cruéis. Destruíram o porto fluvial, os caminhos vicinais, as plantações de milho e feijão e o único engenho de serrar madeira. O gado ficou dizimado. E, fatalidade, o afogamento de Patrick Hopkins, mulher e dois filhos.

O Governo Imperial tenta reverter a situação de êxodo dos colonos com novas levas, de toda sorte de nacionalidade. Um grupo forte foi o polonês, em 1869, assentados no Caminho dos 16. Por eles, faremos a experiência de implantação da indústria têxtil. Vieram os ex-Voluntários da Pátria, na Guerra do Paraguai. Mas a situação é insustentável. Decidiu-se então pela anexação territorial e administrativa das duas colônias. O ano terminou com 70 pessoas ocupando as terras da Colônia Príncipe D. Pedro. O território só voltaria a ter nova vida com a Grande Imigração Italiana, a partir de 1875. Os novos colonos serão estabelecidos nos lotes demarcados do Ribeirão Alferes e Ribeirão do Ouro, vindo depois surgir Nova Trento e Botuverá.

A Colônia Príncipe Dom Pedro é lição atual para o esforço humano de construir e desenvolver uma cidade. É lição para governantes no zelo das coisas públicas. Eis aí os laços internacionais do povo brusquense.

Estatística de imigrantes encaminhados para a colônia Príncipe Dom Pedro pela Agência Oficial de Colonização, no Rio de Janeiro, no período de 1867 a 1869.

Imigrantes - anos

Em 1867: 108 ingleses; 237 americanos; 129 irlandeses; 61 alemães; 76 franceses; 10 italianos; 01 escocês; 05 suiços; 04 belgas; 02 espanhóis; 08 suecos; 29 outros. Soma 670.

Em 1868: 249 ingleses, 22 americanos; 114 irlandeses; 37 alemães; 06 franceses; 04 italianos; 03 escoceses; 04 suiços; 07 holandeses; 01 sueco; 03 outros. Soma: 450.

1869: 13 ingleses; 03 irlandeses; 05 escoseses. Soma: 21.

SOMA: 370 Ingleses; 259 americanos; 246 irlandeses; 98 alemães; 82 franceses; 14 italianos; 09 escoceses; 09 suiços; 07 holandeses; 04 belgas; 02 espanhóis; 09 suecos; 32 outros. SOMA 1141.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

ACONTECEU...

SETEMBRO DE 1996

— DIA 2 — O tradicional desfile das Sociedades de Atiradores e representações culturais outras foi destaque nas comemorações dos 146 anos de fundação de Blumenau. A Esquadrilha da Fumaça da Força Aérea Brasileira fez evoluções sobre a cidade.

— DIA 1º. — Foi aberta, em concorrida solenidade, no Pavilhão A da PROEB, a Quinta Semana Verde, que contou com várias atrações em música, canto e dança clássica e folclórica.

— DIA 3 — Para alegria dos moradores do bairro Garcia e arredores, foi reinaugurado o quartel do Corpo de Bombeiros à rua da Glória, ao lado do Centro Social Urbano. O quartel estava desativado há três anos.

— DIA 7 — Exposição de flores pintadas a óleo sobre tela, da consagrada artista Regina Locatelli, foi inaugurada no Parthenon Flate Service, à rua Curt Hering.

— DIA 11 — No pequeno auditório do Teatro Carlos Gomes, o Grupo de Teatro Phenix abriu sua temporada com êxito pleno e muitos aplausos. *** Na Rua 7 de Setembro, 1956, foi aberta a Segunda Mostra de Arquitetura, Decoração, Design e Paisagismo. *** Cerca de 3.000 pessoas da Terceira Idade, lotaram o Pavilhão B da PROEB, participando da Quarta Festa da Primavera, pessoas estas que representaram 150 Clubes de Mães e 50 Clubes de Idosos.

— DIA 12 — Em Rodeio, a Noite dos Prefeitos marcou o lançamento da Oitava La Sagra, festa tradicional que a cada ano vem alcançando mais sucesso. *** No Rio de Janeiro, morreu, vitimado pelo câncer, o ex-presidente Ernesto Geisel.

— DIA 13 — Este dia registrou os 15 anos de intensa e ininterrupta atividade da Orquestra de Câmara de Blumenau, com uma invejável trajetória de amplos sucessos em apresentações nacionais e internacionais.

— DIA 15 — No Teatro Carlos Gomes aconteceu o show com o aplaudido saxofonista Leo Gandelman e sua Banda.

— DIA 16 — Chuvas torrenciais assustaram os moradores do Garcia, causando deslisamentos de terras em vários pontos. Felizmente nada de muito grave aconteceu.

— DIA 17 — Em solenidade realizada no Salão Nobre da Prefeitura, o prefeito Renato Vianna fez entrega ao diretor vice-presidente da RBS em Santa Catarina, Pedro Sirotsky e ao vice-presidente do Jornal de Santa Catarina, Marcos Dvoskin, em homenagem aos 25 anos do referido jornal, o brasão da cidade de Blumenau, honraria máxima concedida a pessoas físicas ou jurídicas que destacam na Comunidade por relevantes serviços prestados.

— DIA 18 — Um culto ecumênico às 9 horas da manhã na Prainha, marcou a abertura oficial da Semana Nacional do Trânsito em Blumenau.

— DIA 21 — Dia da Árvore e Dia da Imprensa — foram motivos muito justos para muitas comemorações em Blumenau como em todo o país.

— DIA 22 — O Jornal de Santa Catarina traz sua edição bem mais volumosa, com belas referências e registros do que divulgou de mais importante nos seus 25 anos de edições diárias, acontecimento comemorado nesta data.

— DIA 24 — A Praça Hercílio Luz (Biergarten) que passou por uma reforma, reabriu nesta data com a inauguração da Minicervejaria "Continental", cuja solenidade contou com a presença de numeroso público e muita cerveja.

— DIA 27 — No Teatro Carlos Gomes registrou-se belo e aplaudido espetáculo de Dança Flamenca da Companhia de Arte Y Flamenco Cádiz, de Andalucia, Espanha.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

— DIA 28 — As fortes chuvas caídas durante várias horas, causaram, nos bairros de Itoupava Central e Vorstadt, aquele na rua Wilhelm Knaesel e este na rua Pedro Krauss, deslisamentos de terra, abalando casas. Felizmente não houve vítimas.

— DIA 31 — O Jornal de Santa Catarina registra com destaque o feito dos remadores blumenauenses do C.N. América, que, na disputa do 23º. Mundial de Master, alcançaram, em Budapest, um honroso 4º. lugar, disputando com o Double-Skiff contra 49 guarnições de 36 países do mundo. Parabéns!

Memórias de uma imigrante

Maria Schürmann Huber
Trad. de Valburga Huber

(4)

Na região onde morávamos nos 1ºs. tempos no Brasil (Mosquito Grande — Serrinha), moravam quase só imigrantes alemães de modo que só falávamos alemão, o que despertava preocupação em meu pai que achava que não aprenderíamos o português. Realmente, só vim a aprender a língua da nossa nova terra no Internato em Blumenau, onde haviam muitas meninas e moças que não falavam alemão, embora a maioria fosse bilingüe. As irmãs do colégio eram da Divina Providência, sendo a sede da Congregação em Münster, Westfália, da nossa região de origem.

Como eu não fui à escola em Rio do Sul, tinha pouco contato com outros jovens e só tinha duas conhecidas: Lene Bresan e Maria Scholl. Assim minha ida para o Internato me deixou muito feliz pois teria mais companhia. Virei criança novamente, como já tive oportunidade de contar, e recuperei o tempo perdido. Além disso, aprendi a costurar, bordar à máquina e a cozinhar. Duas irmãs daquele tempo ainda viviam em 1978 — a Irmã Luisa e a Irmã Jacinta no lar das irmãs idosas da congregação em Florianópolis, no bairro da Trindade, onde ficava o 1º. Colégio de freiras antigamente. (Neste lar esteve minha irmã Alfonsa — chamada irmã Evarita na Congregação — por muitos anos cuidando das irmãs velhinhas e ali veio a falecer — ainda relativamente jovem — aos 62 anos, em 1976).

Na colônia onde moravamos, lembro-me que os 2 primeiros cavalos que tivemos se chamavam "Jule", uma égua baia e "Hans", os quais me trazem a mente um fato engraçado. Certa vez quando eu chamava o cavalo com as palavras **"vem, Hans, vem!"**, para dar-lhe trato, estava casualmente por perto o Sr. Viande, conhecido nosso, cujo prenome era Hans, justamente. Ele prontamente respondeu: **"As ordens! Que devo fazer?"** O que me deixou envergonhada e sem palavras, o que se deve à minha extrema timidez. Alguns anos mais tarde certamente teria uma resposta para ele, mas naquela época qualquer incidente assim me deixava simplesmente muda. Por esta timidez eu também nunca ia fazer compras o que levava meus irmãos menores Josef e Alfonsa a se sentirem injustiçados e a dizerem, às vezes, que, a **Maria (eu) também poderia ir**. Isso mudou depois que fui para o colégio em Blumenau, com 18 anos, um ano inesquecível.

Uma tia minha, irmã de minha mãe que era modista na Alemanha mandava para nós, tecidos lindos e certa vez ela mandou pano para casacão de inverno e dois outros para vestido. Eu os costurei lá no colégio e como eu aprendera a costura muito bem, pediram-me para

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

voltar no ano seguinte para ensinar as outras meninas. Isso eu não queria, pois era muito nervosa para ser professora, mas em casa eu passei a costurar para toda a família. Uma vez, quando meu futuro marido me observava enquanto eu talhava roupa, senti-me muito insegura, continuava, pois, meio tímida. Naquela época eu cobrava 2 mil réis para costurar uma calça de homem. Fiquei triste por meu pai não ter me comprado uma máquina de costura nova, na qual eu também pudesse bordar. A nossa máquina era muito antiga para isso e assim desaprendi o bordado à máquina e só voltei a ter uma máquina para bordar muitos anos mais tarde, já casada.

Lembro-me que já na Alemanha, quando menina, eu costurava roupas para minhas bonecas. Eu tinha uma boneca com cabelos naturais, que tinha sido da minha tia e eu ainda a tive no Brasil por muito tempo. Quando mais tarde nasceram minhas filhas, esta mesma tia mandou bonecas para elas e as vestia com roupas novas feitas por mim. A cada Natal quando chegava a carroça do correio com os presentes da tia Mariechen era uma alegria enorme e uma lembrança maravilhosa para mim. Ela era minha madrinha, ficou solteira e gostava muito de mandar presentes para os sobrinhos e sobrinhas. Um desses presentes inesquecíveis foi um vestido de veludo que me mandou certa vez. Na minha infância na Alemanha me lembro das visitas com minha prima Helma a essa minha tia, nas férias escolares, o que era sempre muito agradável. A cidade, se chamava Castrop-Rauxel. Nós íamos à confeitaria para comermos cuca (Kuchen) e sorvete. Depois de quase 50 anos, encontrei aqui no Brasil a Sra. Hanne Bonse, residente em Curitiba que me perguntou qual nossa cidade natal na Alemanha e quando respondi, descobrimos que a mãe desta senhora era filha de uma amiga dessa minha tia de Castrop. Coincidências interessantes da vida!

Lembro-me, também com clareza, da família Messer, que chegou a nossa região 2 anos depois de nós e que tinham vindo no mesmo navio que nós, o Tucuman. Aquela fora a última viagem daquele velho vapor como navio de passageiros. O senhor Messer era, um marceneiro-carpinteiro formidável e nos ajudou mais tarde em nossa serraria. Ele construiu uma outra serraria para ele próprio, mas desistiu dela em pouco tempo pois só tinha filhas e nenhum rapaz para ajudá-lo na empreitada. Mudou-se depois para Rio do Sul para trabalhar numa firma de beneficiamento de madeira. Era um homem forte, que viveu quase um século e sempre ativo numa pequena oficina onde fazia móveis lindos. Sua mulher morreu mais cedo, era mais frágil, mas também chegou aos 82 anos e sua filha Käte era costureira de mão cheia em Rio do Sul e costurou para nós mesmo quando já morávamos em Curitiba e depois no Rio, pois em nossas viagens a terrinha sempre levávamos pano para ela costurar para nós.

Certa vez, ainda na Alemanha, pós 1ª. Guerra, meu pai estava chegando em casa quando um soldado da força de ocupação exigiu seu passaporte e alegou que a foto não estava nítida. A isso meu pai retrucou que ela sempre fora nítida para os companheiros dele, o que irritou o soldado que ameaçou prendê-lo se o encontrasse novamente com o mesmo passaporte. Em outra ocasião precisávamos de carvão que era sempre difícil conseguir, pois tais forças de ocupação controlavam tudo. Só vez ou outra deixavam um carrinho de carvão. Quando eram flagrados, porém, tinham que colocar o carvão numa grande montanha. Nós simulamos certa vez uma pequena festa, colocando uma mesa na frente da casa e atrás dela se pegava carvão da tal montanha jogando-o com pás para o porão. Certa vez, um rapaz da vizinhança chamou um senhor de "Stutzer", mas ele não sabia que era membro da ocupação e teve que sair

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

correndo para não ser preso, pois "Stutzer" quer dizer vaidoso, arrogante. Passávamos por revista no trem, ao irmos à cidade da minha mãe, pois havia barreira policial e não podíamos ter tecidos ou roupas na mala. Para isso encontramos uma solução bem esperta: cada homem vestia 2 calças em casa e nós mulheres amarrávamos a fazenda debaixo do vestido e na tal estação com barreira o tirávamos. Um belga nos dissera no trem: **"Cubram sempre a roupa nova pois quando o francês chega, leva tudo"**. Na realidade o temido francês queria apenas checar os passaportes e não olhava para mais nada.

Em outra ocasião, minha tia que tinha uma drogaria nos deu uma contagota contra enjôo, no mar, que colocávamos em pedrinhas de açúcar para engolir. Fora uma boa idéia, só que ela também nos dera um vidro de água de colônia, que nós confundimos com o medicamento. Tudo inutilizado, perfume e açúcar, que pena! Atualmente os remédios contra enjôo de viagem são comuns e eu sempre preciso deles, mesmo quando viajo de ônibus. Quanto a navios de grande porte, nunca voltei a viajar num deles no Brasil, somente em barcos a vapor pequenos, em excursões ou passeios como o que se faz a Ilha de Paquetá, perto do Rio de Janeiro ou às Ilhas Virgens, na região de Angra dos Reis, onde o mar é muito lindo e tranquilo.

Ainda menina, na Alemanha, lembro-me de uma tia que morava numa casa com um bar. Este era procurado principalmente à noite por fregueses habituais. Certa vez, fiquei tomando conta do negócio para uma das donas quando chegou um senhor pedindo uma cachacinha. Eu coloquei um trago e em seguida fechei zelosamente a garrafa. Mal o fizera, ele pediu mais uma. Abri a garrafa novamente e ele rapidamente esvaziou o copo e pediu outra! Servi-o novamente, sempre fechando a garrafa em seguida. A cena se repetiu 3 ou 4 vezes e eu meio preocupada se estava fazendo a coisa certa. Os fregueses do bar fumavam cachimbo que eles acendiam com tiras de papel reunidas em pequenos feixes, os quais eu tinha que fazer, colocando-os na mesa num copo. Eles vinham e acendiam os feixes no forno de aquecimento e daí acendiam os cachimbos, com um cheiro inesquecível.

Minha madrinha na Alemanha que morava com um irmão dela, sempre gostava de ter sobrinhos em casa como visita e assim eu ia frequentemente à casa dela. Como eram saborosos os sanduíches que ela fazia para nós com queijos suíços. Quando o queijo era muito picante, eu retirava secretamente o queijo do pão e dava sumiço nele, o que certamente não faria hoje em dia!

Nos ensinavam naquele tempo que as meninas bem educadas tinham que dobrar levemente um dos joelhos ao cumprimentar uma pessoa mais velha. Eu não gostava desta "quebradinha de joelho" e nunca aprendi a fazê-la corretamente, pois eu a achava desnecessária e um tanto ridícula. Na verdade, já desde criança eu era um tanto avessa a essas finezas.

Quando um tio meu veio certa vez para almoçar com a gente, havia um prato chamado "Himmel und Erde", quer dizer: "Céu e terra". Era composto de maçã, pêra e batatas às quais se acrescentava toucinho cozido. Meu tio não gostou da comida, mas a mim ela agradou e sempre a fazia aqui no Brasil com batatas doces e maçãs, sendo o sabor igualmente ótimo.

Essa tia que acabei de mencionar, queria muito que meus cabelos crescessem, pois enquanto minhas primas tinham tranças maravilhosas, os meus cabelos eram finos e, pouco desenvolvidos. Aos 16 anos, porém, 4 anos depois de minha chegada ao Brasil, eles começaram a crescer e encorpar incrivelmente. Usei então cabelos longos a vida toda e até hoje faço minha longa trança e prendo-o num coque, o que está um pouco fora de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

moda.

Lembro-me também muito bem que na Igreja, na minha infância, havia sempre um homem em longa vestimenta vermelha, que cuidava da ordem. As crianças só podiam ficar bem na frente, mas eu já ficava entre os adultos um pouco mais atrás.

Ocorre-me também que em nosso navio havia 3 passageiros cegos que haviam se escondido no compartimento de carvão e só foram descobertos quando o navio já estava em alto mar. Eles tiveram então que trabalhar a bordo, mas não contaram quem os havia colocado secretamente no navio. Como o mundo é incrivelmente pequeno, depois de muitos anos, quando já morávamos em Rio do Sul, veio a nossa casa uma vez um senhor cego, representante de um certo produto. Depois de curto diálogo, constatei que se tratava de um dos passageiros do "Tucuman" — o navio que nos trouxera para o Brasil em 1924. Assim nos encontramos, novamente, muito tempo depois, por pura obra do acaso.

Aconteceu... há 50 anos passados

(Notícias copiladas das páginas do jornal "A Nação" — 1943-1980)

— DIA 1º/ 10/1946 — O jornal divulga reunião realizada na sede do C.N América, no dia 29/9, liderada por figuras da imprensa e do rádio, para a organização de uma campanha visando a instalação de monumento do poeta Olavo Bilac em Blumenau.

— DIA 3/10/1946 — À página 3, encontra-se um artigo do jornalista Argemiro Carvalho, exaltando o abnegado trabalho do desportista Benjamim Margarida Júnior, inclusive como fundador da Liga Blumenauense de Desportos.

— DIA 5/10/1946 — No auditório do Teatro Carlos Gomes, aconteceu agradável espetáculo musical, com alunos e amadores da Orquestra Sinfônica do Teatro, sob a regência do Maestro F. Baumgarten. *** O jornal registra o furto de 30 quilos de linguiça ocorrido no Açougue Poerner, localizado à rua 15 de Novembro, em frente à Livraria Carl Wahle. *** Nesta manhã realizou-se a solenidade de inauguração, na Indústria Têxtil Cia. Hering, da Instituição "Edy Hering., compreendendo creche e um ambulatório médico naquela importante empresa blumenauense.

— DIA 13/10/1946 — Em Florianópolis, jogaram os selecionados de Santa Catarina e do Paraná. No primeiro tempo, os catarinenses venciam por 2 a 0. No segundo tempo os paranaenses reagiram e empataram por 2 a 2. Os gols catarinenses foram marcados por Teixeirinha. Os dos paranaenses, por Jackson e Martins.

— DIA 24/10/1946 — O jornal traz denúncia de protesto de moradores residentes no bairro da Velha, sobre o preço da carne. No açougue do Sr. Otto Pfuetzenreuter era cobrado o preço de 8 (oito) cruzeiros o quilo, quando a tabela oficial do governo determinava o preço de sete cruzeiros o quilo. *** Na indústria Têxtil Cia. Hering, aconteceu alterações em sua administração. Com a renúncia do então Diretor-Gerente Roberto Grossembacher, a nova administração ficou assim constituida: Diretores: Felix Hering, Victor Hering, Walter Werner, Ingo Hering e Roland Herbert Mueller Hering. Foram nomeados, ainda, os Srs. Nestor Seara Heusi e Bruno Kochel, respectivamente para as funções de Secretário e Chefe da Contabilidade.

— DIA — 23/10/1946 — Em concorrida solenidade foi inaugurado o novo prédio da firma comercial Carlos Koffke, situado à rua 15 de Novembro, esquina com a Alameda Duque de Caxias (ruas das Palmeiras).

— DIA 25/10/1946 — O jornal noticia a mudança das Casas Buerger Ltda., que até então achava-se instalada ao lado da Casa de Calçados Veterle.

— DIA 30/10/1946 — O prefeito Germano Beduschi assinou decreto criando condições para instalação de feiras livres de gêneros alimentícios e hortifruti-granjeiros no centro e nos bairros da cidade.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

CARTAS

«Ao Redator de BLUMENAU EM CADERNOS
Prezado Senhor

A leitura do artigo «Um Luso-Brasileiro em Blumenau» — A Cultura Teuto-Brasileira (Tomo XXXVII, nº. 7, Julho 1996) — de autoria do prezado amigo Ruy Moreira da Costa, filho do saudoso colega Acrisio Moreira da Costa, com o qual labutei vários anos no extinto Banco Nacional do Comércio S/A, reviveu em minha memória o seguinte episódio:

A mercê de um Juiz de Direito

Minha filha nasceu em 1946, quase um ano e meio após o término da segunda guerra mundial.

Já se praticava novamente em Blumenau — não tanto quanto antes o idioma alemão. No entanto no Cartório Civil o registro dos prenomes obedecia à um «critério todo nacionalista», de modo que o respectivo Titular, o saudoso e muito amigo meu «Bitú» Braga, muito a contra-gosto, teve que rejeitar o nome Freya que minha esposa havia escolhido para a nossa filhinha. «Eu estou impedido em registrá-lo», disse-me ele sentido, «mas quem sabe o meretíssimo Juiz de Direito, Dr. Oscar Leitão, autorize o registro desse nome». Me dirigi ao gabinete do Dr. Oscar Leitão mas ele estava ausente. De bicicleta e guarda-chuva eu segui pela Rua Quinze de Novembro e quando cheguei a altura da Casa Comercial Meyer (onde hoje está instalado o Restaurante Chinês e algumas outras lojas), percebi o Dr. Leitão debaixo da «marquise» de folhas de zinco importadas, se protegendo contra a chuva. Parei e pedi permissão para poder formular uma consulta. Gentilmente o Dr. Leitão se prontificou em atender-me. Quando eu citei o nome Freya ele me perguntou se eu havia «inventado» esse nome. Eu respondi que não. Nesse instante passa com o seu automóvel o já falecido Sr. Ralf Gross, ex-Diretor da Malharia de Artefatos Finos S/A — MAFISA. «Dr. Leitão, a esposa daquele senhor de carro também se chama Freya», acrescentei eu.

«Eu vou estudar o assunto; passe amanhã no meu gabinete para obter a solução.

Lá chegando no dia seguinte não encontrei o Dr. Leitão, mas sim um bilhete — guardado por mim até hoje — contendo os seguintes dizeres escritos à lápis: «FREYA»: Deusa dos antigos germanos — tipicamente alemão».

O jeito era escolher outro nome e assim a minha filha acabou sendo batizada: VERA.

Quase dois anos após nasceu meu filho.

Como o Dr. Leitão já havia obtido conhecimentos preliminares da mitologia dos antigos germanos, eu quis contribuir para que ele aprofundasse mais ainda sua sabedoria nesse setor e indiquei o nome GUNTER, para posteriormente — após a certa rejeição — escolher o nome definitivo. Mas qual não foi a minha decepção: o meu amigo Braga me indagou qual a ortografia correta e sem cerimônia registrou o nome Gunter; que eu havia escolhido somente para que o Dr. Leitão lançasse mão, mais uma vez, de sua enciclopédia.

Atenciosamente Alfred Zinkhahn

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.
Alterada pela Lei Complementar nº. 108, de 22 de dezembro de 1995.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50, instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89010-001 BLUMENAU Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

— Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

— Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

— Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

— Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

— Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

— Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

— A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU, MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista **"Blumenau em Cadernos"**
Tipografia e Encadernação.

DIRETORIA:

Presidente: Altair Carlos Pimpão
Diretor Administrativo-Financeiro: Valter T. Ostermann
Diretor de Cultura: Lygia Helena Rousseng Neves
Diretor Depto. Histórico Museológico: Sueli M. V. Petry

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Consórcio
Breitkopf
COMPROVADAMENTE SEGURO

DISQUE CONSÓRCIO — 326-2000

Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU - SC

HERING
TÊXTIL

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.
Para todo mundo. Em todos os tempos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC